

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**TANIA SCHNEIDER DA FONSECA**

**A NECESSIDADE E A IMPOSSIBILIDADE DE NARRAR A EXPERIÊNCIA  
CONCENTRACIONÁRIA A PARTIR DAS OBRAS *É ISTO UM HOMEM?* E OS  
*AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES*, DE PRIMO LEVI**

**Bagé  
2024**

**TANIA SCHNEIDER DA FONSECA**

**A NECESSIDADE E A IMPOSSIBILIDADE DE NARRAR A EXPERIÊNCIA  
CONCENTRACIONÁRIA A PARTIR DAS OBRAS *É ISTO UM HOMEM?* E OS  
*AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES*, DE PRIMO LEVI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa Dr<sup>a</sup> Miriam Denise Kelm

**Bagé  
2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

F676n Fonseca, Tania Schneider

A necessidade e a impossibilidade de narrar a experiência  
concentracionária a partir das obras *É isto um homem?* e *Os  
afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi / Tania Schneider  
Fonseca.

71 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS E LITERATURAS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2024.

"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. Literatura de testemunho. 2. Campos de concentração. 3.  
Primo Levi. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**TANIA SCHNEIDER DA FONSECA**

**A NECESSIDADE E A IMPOSSIBILIDADE DE NARRAR A EXPERIÊNCIA  
CONCENTRACIONÁRIA A PARTIR DAS OBRAS *É ISTO UM HOMEM?* E OS  
*AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES*, DE PRIMO LEVI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 15 de fevereiro de 2024.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm (Orientadora – UNIPAMPA)

Profa. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rego (UNIPAMPA)

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Correa (UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/02/2024, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/02/2024, às 17:44, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/02/2024, às 21:02, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1370007** e o código CRC **73433729**.

Referência: Processo nº 23100.002275/2024-31 SEI nº 1370007

Dedico este trabalho ao Joaquim.

## AGRADECIMENTO

À Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, por oportunizar um curso de excelência.

A todos os funcionários do Campus, especialmente aqueles a quem eu sempre recorria em caso de dúvidas, tanto presencialmente como remotamente.

À Profa. Dra. Miriam Denise Kelm, pela orientação, pela leitura minuciosa, comentários e sugestões deste trabalho, e por despertar por meio da Literatura o gosto e o encanto pela leitura.

À Profa. Dra. Zila Rêgo, pela leitura atenta do parecer.

À profa Dra. Zila Rêgo e à profa Dra. Lúcia Corrêa, pelas valiosas discussões, sugestões e comentários na banca de defesa desse trabalho.

Aos professores do curso, Prof. Dr. Adriano de Souza, por ser tão humano na relação com os alunos, à Profa. Dra. Carolina Fernandes, pelo esclarecimento de conceitos abstratos, transformando-os compreensíveis, à Profa. Dra. Helen da Silva, pela didática usada nas aulas, que deixava tudo mais leve, à Profa. Dra. Isabel Teixeira, por estimular o apreço pela Língua Portuguesa, à Profa. Dra. Lúcia Corrêa, pela proximidade com os alunos, e por contagiar, por meio de gestos, o amor à Literatura, ao Prof. Dr. Thiago da Silva, por ensinar Sintaxe de uma forma que fazia sentido, e à Profa. Dra. Vera Medeiros, pelo encorajamento a ultrapassar os nossos limites intelectuais.

A todos os colegas de curso, pelas valiosas trocas de aprendizado.

Ao Programa de Residência Pedagógica (PRP), subprojeto Língua Portuguesa, por ter me proporcionado uma experiência única que levarei para a vida.

Aos colegas residentes, pelo aprendizado compartilhado e experiências inesquecíveis durante o PRP.

À minha mãe, *In Memoriam*, por me mostrar o quão valioso é o estudo e por acreditar em mim sempre.

Ao meu pai, por me incentivar a estudar sempre.

Aos meus sobrinhos, pelo carinho.

Ao meu sogro, Antonio, por me mostrar o valor da gratidão por meio do verso da Mercedes Sosa "Gracias a la vida que me ha dado tanto".

Ao Tiaraju, pela parceria pessoal e profissional, pela compreensão nos momentos de ausência, pela paciência, pelas valiosas discussões sobre o tema e revisão deste trabalho.

Ao meu filho Joaquim, a quem eu dedico este trabalho, pelo seu amor incondicional.

*“Vocês que vivem seguros em suas cálidas casas, vocês que, voltando à noite, encontram comida quente e rostos amigos, pensem bem se isto é um homem (...)”.*

Primo Levi

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar e comparar o papel dos “muçulmanos” (submersos/afogados) nas obras *É isto um Homem?* e *Os Afogados e os Sobreviventes*, de Primo Levi, por meio da metodologia adotada na Literatura Comparada, procurando compreender por que o autor os considera como as testemunhas autênticas. Para isso, realizamos uma contextualização histórica do Holocausto, apresentamos conceitos fundamentais da Literatura de testemunho, como memória, esquecimento, rastro, verdade e ficção, destacamos também a biografia e o percurso literário do autor, abordando aspectos como o tipo de narrativa utilizado, a linguagem empregada e a representação do trauma. Nossa análise aborda ainda as implicações éticas, morais e políticas presentes na obra, assim como a reflexão sobre as questões da morte e da sobrevivência. Por fim, tentamos responder o problema de como conciliar a necessidade com a impossibilidade de narrar a experiência concentracionária com base em autores como Nitrini (1997), Remack (1994) e Agamben (2008).

Palavras-chave: Campos de concentração. Literatura de Testemunho. Primo Levi.

## ABSTRACT

The objective of this work is to analyze and compare the role of the “Muselmann” (drowned) in Primo Levi's works *If This Is a Man* and *The Drowned and the Saved*. Employing the methodology of Comparative Literature, we aim to understand why the author considers the “Muselmann” as authentic witnesses. To achieve this, we provide a historical contextualization of the Holocaust, introduce fundamental concepts of Testimonial Literature such as memory, forgetting, trace, truth, and fiction. Additionally, we highlight the author's biography and literary journey, addressing aspects such as the narrative style, language used, and the portrayal of trauma. Our analysis also explores into the ethical, moral, and political implications of the work, along with reflections on issues of death and survival. Finally, we attempt to address the challenge of reconciling the necessity with the impossibility of narrating the concentration camp experience, based on authors such as Nitrini (1997), Remack (1994), and Agamben (2008).

Key-words: Concentration Camp. Testimonial Literature. Primo Levi.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>14</b> |
| <b>2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....</b>   | <b>16</b> |
| <b>3 LITERATURA DE TESTEMUNHO .....</b>   | <b>24</b> |
| <b>4 A BIOGRAFIA E O PERCURSO LITERÁRIO DE LEVI .....</b>   | <b>32</b> |
| <b>5 <i>É ISTO UM HOMEM? E OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES</i> .....</b>                           | <b>37</b> |
| <b>6 OS “MUÇULMANOS” NAS OBRAS <i>É ISTO UM HOMEM? E OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES</i> .....</b> | <b>58</b> |
| <b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>67</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>70</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda o tema da experiência traumática vivenciada por Primo Levi, um dos sobreviventes dos Campos de concentração nazista, por meio da Literatura de Testemunho. Para isso, duas obras do mesmo autor serão analisadas e comparadas: *É isto um homem?* (1947) e *Os afogados e os sobreviventes* (1986).

Dada a predominância constante na nossa sociedade de conflitos, guerras, intolerância, discriminação e preconceito de todos os tipos relativos à etnia, à raça, às mulheres, às pessoas com deficiência e à orientação sexual, é necessário relembrar o passado para não somente compreender o presente, mas sobretudo para mudá-lo a fim de traçar outro desfecho. Também temos de lembrar que as testemunhas do genocídio ocorrido na segunda Guerra Mundial estão desaparecendo, morrendo e é necessário não deixar apagar da memória o horror cometido pelos nazistas, um mal que ainda hoje afeta muitas gerações de pessoas.

A escolha para se estudar esse autor se deu porque Levi representa um dos mais importantes testemunhos sobre o universo concentracionário, que deixou um importantíssimo legado, lembranças e reflexões imortalizadas pelo poder da escrita. Analisar suas obras é uma forma de lembrar os riscos e as consequências de se adotar uma atitude passiva, demonstrando a importância do pensamento crítico como não apenas uma necessidade permanente, mas como um compromisso ético.

É um estudo difícil de se fazer dada sua natureza que lida com a dor, com a morte, com a violência, com a desumanização, porém apesar disso é uma pesquisa necessária, ainda mais hoje diante do atual conflito entre Israel e Hamas, no Oriente, e da atual disputa entre os países da Venezuela e Guiana, no Ocidente. Do término da Segunda Guerra Mundial até hoje, se passaram praticamente oitenta anos, relembrando que logo após o fim da guerra e a libertação dos prisioneiros, houve um tempo de silêncio tamanha foi a vergonha e a culpa sentida pelos alemães que, se sabiam do que aconteceu, não tiveram coragem de interferir e de se opor ao massacre, em parte porque tinham medo, em parte porque eram coniventes, pois concordavam com a ideologia de Hitler.

Por fim, esse trabalho também tem uma motivação pessoal. Cursei o componente curricular Literatura Memorialista do curso de Letras da Unipampa, Campus Bagé, ministrado pela professora Dra. Miriam Denise Kelm em 2023/01. Foi quando tive contato com a obra de Levi, *É isto um homem?* A leitura despertou-me o

interesse em conhecer outras obras suas, como *A trégua* (1958) e *Os afogados e os sobreviventes* (1986). Nesse sentido, a leitura desses escritos me sensibilizou de tal forma que decidi estudar mais sobre o tema e escrever esse texto por ser preciso não apenas não esquecer o que aconteceu, mas também conhecer a história a partir da perspectiva de quem a vivenciou. Portanto, trata-se de uma pesquisa que não tem como preocupação meramente a descrição dos fatos, mas fazer justiça aos sentimentos, emoções e reflexões do autor.

No primeiro capítulo, será apresentado o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, dando ênfase para a perseguição e o massacre dos judeus cometidos pelos nazistas alemães.

No segundo capítulo, será caracterizada a Literatura de Testemunho. Serão abordados conceitos fundamentais como memória, esquecimento, rastro, verdade e ficção.

O terceiro capítulo se dedicará à apresentação da biografia de Levi e um resumo das suas duas principais obras. Destaca-se, neste capítulo, a análise de tópicos como o tipo de narração adotado, a linguagem empregada, a representação do trauma, bem como as implicações éticas, morais e políticas associadas à questão da morte e da sobrevivência. Essas categorias são essenciais para a compreensão mais aprofundada dos sentidos dos textos literários testemunhais em estudo.

No quarto capítulo, a partir da metodologia comparatista, será analisado e comparado o papel dos assim denominados “submersos” nas obras *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*. O objetivo é esclarecer por que Levi os considera como sendo as testemunhas autênticas.

Por fim, nas considerações finais, retomamos os aspectos tratados anteriormente e tentamos tecer reflexões em torno de como é possível conciliar a necessidade com a impossibilidade de narrar a experiência vivida nos campos de concentração.

## 2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

As obras *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes* foram escritas tendo como contexto histórico a Segunda Guerra Mundial<sup>1</sup>. De acordo com Eric Hobsbawn, um dos desencadeadores da Segunda Guerra Mundial (1939–1945) foi a insatisfação de Hitler com a derrota da Alemanha na Primeira Guerra (1914–1918). O seu partido político nacional-socialista, de extrema-direita, considerava o “Tratado de Versalhes como injusto e inaceitável” (HOBSBAWN, 1995, p. 43). Esse Tratado, nada mais do que um acordo de paz, foi, na visão de Hitler, “imposto” pelos vitoriosos (EUA, Itália, França e Grã-Bretanha) e os termos, como a perda de parte do território, restrição do tamanho do exército e a indenização pelos prejuízos causados, eram vistos como extremamente injustos.

Somados a isso, outros fatores como a crise econômica de 1929 na Alemanha, que afetou a pequena burguesia e fez com que essa classe social apoiasse o Partido Nazista, e o avanço do fascismo na Europa, foram também determinantes para o surgimento de uma nova Guerra, vinte anos depois da Primeira (COGGIOLA, 2015, p. 27).

Foi durante a Segunda Guerra Mundial que ocorreu a política Nazista de destruição humana, algo inédito e sem precedentes na história. Judeus foram capturados, primeiramente colocados em guetos, segregados de seus familiares, de forma cruel e desumana, depois deportados para os Campos de concentração onde seriam mortos, seja nas câmaras de gás, seja no trabalho forçado sob condições inumanas. Juntamente com os judeus, considerados “raças inferiores”, foram também presos homossexuais, deficientes mentais, ciganos e políticos de oposição. A colonização dos territórios ocupados por esses povos fazia parte do projeto político alemão (COGGIOLA, 2015, p. 6). Porém, não apenas isso, o discurso de Hitler consistia na defesa de um ideal de regeneração da Alemanha, “do sangue puro, da pureza de raça, do esmagamento dos inimigos” (COGGIOLA, 2015, p. 28)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> A notícia do fim da guerra e da iminente libertação dos prisioneiros não despertou nenhuma emoção em Levi, que já estava há mais tempo no Campo, abatido demais para reagir. No entanto, os franceses, que eram novatos, fazia poucas semanas que tinham chegado, ainda não estavam habituados a essa outra vida, o encheram de perguntas: “para onde? A pé? Os doentes também? E os que não estão em condições de andar?” (LEVI, 1988, p. 155).

<sup>2</sup> No filme “Arquitetura da Destruição” (1989), vemos que a maior ambição de Hitler era o embelezamento do povo germânico, sendo que a morte de judeus e deficientes mentais não tinha um motivo político. Os judeus eram os maiores inimigos pois preservavam a pureza racial, sendo os maiores rivais dos arianos na dominação do mundo. Hitler e um amigo assistiram a ópera “Rienzi” de

À medida que a Guerra se aproximava do fim no ano de 1944, sobreviviam no campo de concentração de Auschwitz na Polônia, apenas algumas centenas de prisioneiros, em especial aqueles que não se contentavam com o pedaço de pão que recebiam e que conseguiam descumprir as ordens e os regulamentos que ditavam a rotina no campo. Conforme o relato de Levi:

Restavam apenas os médicos, os alfaiates, os sapateiros, os músicos, os cozinheiros, os homossexuais jovens e atraentes, os amigos ou conterrâneos de alguma pessoa influente do Campo; e, além deles, alguns indivíduos especialmente cruéis, fortes e desumanos, que alcançaram cargo de Kapo, de chefe de Bloco ou outro, por designação do SS que, nessa escolha, demonstravam possuir um conhecimento satânico dos homens. Sobravam ainda aqueles, que embora sem exercer funções especiais, com a sua astúcia e energia conseguiam sempre “ajeitar as coisas”, merecendo não apenas as vantagens materiais e a reputação, mas também a tolerância e consideração dos poderosos do Campo. Quem não souber tornar-se *Organisator, Kombinator, Prominent* (oh, a eloquência cruel desses vocábulos!) acaba, em breve, muçulmano (LEVI, 1988, p. 90–91).

---

Wagner. Foi a partir daí que tudo mudou, começou a traçar planos para o futuro do seu povo. A peça se passa no período medieval, o líder do povo, Rienzi, opondo-se à aristocracia, quer implementar a República dos clássicos gregos. Duas foram as obsessões de Hitler que o acompanharam por toda a vida: a Antiguidade, Esparta como exemplo de raça pura, e Wagner. Ele absorveu os ideais de Wagner: antissemitismo e o mito do sangue puro. Também se baseou em Wagner nas noções de arte para a construção da nova civilização. Usou a arte na política, na propaganda nazista, na bandeira, nos uniformes etc. Já que fracassou enquanto pintor, utilizou sua ambição artística na propaganda política. Em 1928, foi criada a 1ª organização cultural nazista, que posteriormente mudou de nome para “Defesa da cultura alemã”. Com isso, criou-se uma onda contra a Arte Moderna, considerada degenerada, suas obras mostravam sinais de doença mental de seus criadores. Em 1935, foi aberta uma exposição em Berlim, comparando a Arte Moderna aos doentes mentais, outra seção mostrava a preservação da raça e da cultura. No discurso, Hitler declarou que “o maior princípio de beleza é a saúde”. Formou-se a ideia de que problemas estéticos deveriam ser resolvidos por meio da medicina. A partir do regulamento nazista, vários médicos judeus perderam seus postos de trabalho, que foram substituídos pelos médicos adeptos ao Partido. Inclusive foram oferecidos cursos de Medicina Nazista, que abriu muitas chances de fazer carreira. Para não sucumbir à degeneração típica dos tempos modernos, é preciso criar um novo homem, discursou o líder. A partir disso, é criada uma lei que proíbe o casamento entre alemães e judeus a fim de proteger o ideal da pureza racial. Para preservar o sangue ariano, depois do início da Segunda Guerra Mundial, Hitler dá início ao projeto da eutanásia, setenta mil doentes mentais foram assassinados em 1941. Porém, os locais onde ocorriam a eutanásia ficavam próximos das cidades, a fumaça poderia ser vista à distância. Adotando uma política de extermínio mais sigilosa, os SS receberam a tarefa de fuzilar 11 milhões de judeus, o que também se tornou inviável. Optou-se por usar furgões com câmeras de gás (monóxido de carbono), os mortos eram jogados em valas comuns. Posteriormente, substituíram por cianeto, gás altamente tóxico, em Auschwitz. Os médicos desempenharam papel fundamental no processo do extermínio, pois eram eles que supervisionavam o uso do gás e checavam a morte das vítimas. O filme “Judeu Eterno” (1940), de propaganda nazista, tinha como objetivo estimular na população alemã um ódio contra os judeus. No filme, os judeus são retratados se alimentando de organismos em decomposição, comparando-os aos ratos. Quando possuem acesso às práticas sagradas como cultura e arte, por exemplo, são considerados, pela lógica nazista, mais perigosos. E para piorar, na perspectiva deles, valorizavam a arte degenerada. Nesse sentido, o antissemitismo seria uma questão de higiene, é como se livrar de piolhos e pragas.

Levi sobreviveu à grande “seleção” de outubro daquele ano, um processo pelo qual os administradores do campo escolhiam prisioneiros para encaminhar às câmaras de gás a fim de acomodar espaço para novos comboios. Ele acredita que isso tenha sido resultado da sorte, do acaso ou do descuido. René, outro prisioneiro, jovem e forte, passou na frente da comissão logo antes de Levi, composta por um guarda, que estava posicionado no meio, pelo Chefe do Bloco, à direita, e pelo escriturário, à esquerda. Sua teoria é que provavelmente suas fichas tenham sido trocadas. O guarda avaliava cada prisioneiro numa fração de segundo e julgava a sorte de cada um entregando a ficha ou para a direita, o lado dos salvos ou para a esquerda, o lado dos selecionados (LEVI, 1988, p. 130)<sup>3</sup>.

Segundo Levi, o trem que o levou ao Campo tinha cerca de cem italianos, sendo que sobreviveram apenas vinte e nove até outubro de 1944, “e, destes, oito se foram com a seleção. Somos vinte e um, e o inverno recém-começou. Quantos chegarão vivos até o novo ano? Quantos até a primavera?” (LEVI, 1988, p. 138).

Na marcha da evacuação, em meados de janeiro de 1945, cerca de vinte mil, oriundos de vários Campos, aqueles que podiam caminhar embora se sentissem fracos, partiram da enfermaria, percorrendo um caminho de neve com sapatos esburacados; quase todos desapareceram, incluindo Alberto, amigo inseparável de Levi, em que ambos compartilhavam a cama e toda a comida extra que conseguiam (LEVI, 1988, p. 157). Somente anos mais tarde se descobriu que “os comandos SS e os serviços de segurança tomaram todas as precauções para nenhuma testemunha sobreviver” (LEVI, 2016, p. 9).

Já Levi, se não estivesse se sentindo tão fragilizado em decorrência da escarlatina, “provavelmente seguiria o instinto do rebanho. O terror é especialmente contagioso e o ser apavorado procura, antes de tudo, a fuga” (LEVI, 1988, p. 156). Porém, após a evacuação ele permaneceu juntamente com outros doentes na enfermaria, dominado mais pela inércia do que pelo medo (LEVI, 1988, p. 157).

Após a evacuação dos alemães, levou dez dias para a chegada dos russos no Campo<sup>4</sup>. Antes da chegada, bombardeios atingiram os blocos vazios e o bloco dos

---

<sup>3</sup> Os selecionados recebiam ração dupla, antes de irem para as câmaras de gás. Não se sabe se esse privilégio se tratava de piedade dos Chefes do Bloco ou uma ordem dos guardas SS (LEVI, 1988, p.131).

<sup>4</sup> Os russos chegaram na enfermaria no dia 27 de janeiro de 1945 (LEVI, 1988, p. 174).

doentes. Estes, completamente nus, imploraram por abrigo na enfermaria, onde Levi estava:

Impossível recebê-los. Insistiram, suplicaram, ameaçaram em várias línguas; tivemos que barricar as portas. Arrastaram-se para outro lugar, na luz das chamas, descalços na neve derretida. Muitos puxavam atrás de si as ataduras soltas. O nosso Bloco não parecia correr perigo a não ser que o vento mudasse (LEVI, 1988, p. 159).

Apesar da enfermaria não ter sido atingida, as explosões próximas quebraram as vidraças e o frio severo os impedia de dormir. Ainda, era preciso sair da enfermaria, numa temperatura de 20 graus abaixo de zero, para procurar comida, estufa, lenha e carvão. Ao sair, Levi relata presenciar algo que jamais havia visto ou ouvido falar:

O Campo recém-morto, já estava se decompondo. Nada mais de água e luz; portas e janelas quebradas batiam com o vento; rangiam a chapa solta dos telhados; no alto, ao longe, voavam as cinzas do incêndio. À obra das bombas soma-se a obra dos homens: esfarrapados, vacilantes, esqueléticos, os doentes que estavam em condições de se movimentar arrastavam-se por todas as partes como uma invasão de vermes em cima da terra endurecida pelo gelo. Revistaram todos os Blocos vazios à procura de alimentos e lenha; violaram com fúria insensata os quartos dos odiados Chefes de Bloco grotescamente enfeitados, onde até o dia anterior um *Häfting* qualquer não poderia entrar; incapazes de conter suas excreções, sujaram tudo, poluindo a preciosa neve, agora a única fonte de água para todo o Campo (LEVI, 1988, p. 160).

Depois que Levi e seus companheiros conseguiram consertar as janelas, aquecer o ambiente com uma estufa e encontrar alguma comida, um dos doentes sugeriu que cada um partilhasse uma fatia de seu pão como recompensa. Esse ato significava um marco, o fim do Campo e o começo de um processo de voltar novamente a ser humanos, como Levi relata, “foi o primeiro gesto humano entre nós” (LEVI, 1988, p. 162). Um dia antes dessas provisões esse gesto seria irrealizável, pois “a lei do Campo mandava: come teu pão e, se puderes, o do vizinho” (LEVI, 1988, p. 161-162)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Já passados oito dias da evacuação dos alemães, Levi, ao lado de Arthur e Charles, falavam de tudo, do passado e do presente, sentiam que recuperaram a essência humana mais uma vez. Mas, isso não se aplicava a todos, pois viviam num mundo de mortos e fantasmas. Aquele que esperava que seu vizinho morresse para tirar-lhe o pão, não era humano, embora Levi o julgasse não culpado por isso. Apesar deles sentirem terem-se tornado homens novamente, a questão da moralidade, dos costumes e das crenças ainda ficava em segundo plano. Por exemplo, quando um dos 11 doentes morreu, do Bloco dos infeciosos, antes de retirá-lo para a rua, havia outras necessidades mais urgentes, como não

Havia em Levi uma necessidade urgente de relatar e testemunhar a experiência vivenciada dentro do Campo, de manter viva a sua memória desse acontecimento histórico. Antes do colapso, em outono de 1944, os nazistas explodiram as câmeras de gás e os fornos crematórios para apagar os rastros, “todos os arquivos dos *Lager* foram queimados nos últimos dias da guerra, e esta foi verdadeiramente uma perda irremediável, tanto que ainda hoje se discute se as vítimas foram quatro, seis ou oito milhões: mas sempre de milhões se fala” (LEVI, 2016, p. 8)<sup>6</sup>. Sem provas, sem crime, pensavam.

Um fato importante sobre os Campos de concentração, que tem a ver com o testemunho histórico, é sobre a culpa coletiva do povo alemão a respeito da “a não difusão da verdade sobre os *Lager*” (LEVI, 2016, p. 10). No próprio sistema nazista, nenhum historiador conseguiu estabelecer com certeza o quanto os alemães sabiam das atrocidades cometidas. Para Levi, muitos sabiam pouco e poucos sabiam tudo, mas muitos fingiam não saber e os poucos que muito sabiam escolheram não contar (LEVI, 2016, p. 10). Obviamente que os responsáveis pelo extermínio em si tinham fortes razões para não contar. Outros temiam pela segurança da própria vida e de seus familiares. Somado à escolha deliberada, o medo também calou as possíveis testemunhas (LEVI, 2016, p. 10).

Nos últimos anos da guerra, os Campos de concentração cresceram tanto em extensão e complexidade e “profundamente entrelaçados com a vida cotidiana do país, que falou-se com razão de *univers concentrationnaire*, mas não se tratava de um universo fechado” (LEVI, 2016, p. 10). Os Campos forneciam mão-de-obra praticamente gratuita para empresas grandes e pequenas, industriais e agrícolas, e inclusive fábricas de armamento, que obtiveram lucro através da exploração desumana dos prisioneiros. As indústrias forneciam ao Campo materiais como “madeira, materiais de construção, tecido para o uniforme listrado dos prisioneiros, vegetais desidratados para a sopa, etc.” (LEVI, 2016, p. 11). Uma empresa alemã projetou, construiu e montou os fornos crematórios. Também não poderia passar despercebido o aumento das encomendas do veneno, ácido cianídrico, a partir de 1942<sup>7</sup>.

---

podiam lavar-se, tinham que fazer a comida e esvaziar a latrina primeiro, pois “os vivos são mais exigentes; os mortos podem esperar” (LEVI, 1988, p. 173-174).

<sup>6</sup> A palavra *Lager* significa campos de concentração.

<sup>7</sup> Esse veneno era usado para desinfecção dos porões das embarcações e, em Auschwitz, nas câmeras de gás (LEVI, 2016, p. 11).

Com certeza isso gerou dúvidas, mas estas foram sufocadas pelo medo, pelo desejo insaciável pelo lucro e inclusive pela obediência nazista, embora casos menos numerosos (LEVI, 2016, p. 11). Tudo isso explica que de fato existiu um verdadeiro universo concentracionário, extenso e complexo, que envolvia o sistema político vigente da época e a sociedade civil, com a participação das diversas camadas sociais.

Não poderíamos deixar de mencionar o Campo de Terezin, que se destaca dentro do universo concentracionário, que Hitler usou como propaganda para mostrar ao Ocidente como os judeus viviam em boas condições de vida. Na verdade, Terezin era um município tcheco, que foi evacuado para funcionar como um gueto, um campo de transição para Auschwitz, que abrigava judeus em péssimas condições de vida. Judeus proeminentes (artistas conhecidos internacionalmente, cientistas, heróis de guerra) foram convidados a morar nessa cidade protegida pelo líder nazista. Eles chegavam bem vestidos, eram segregados de seus familiares, assinavam um contrato cedendo seus bens, em seguida começavam a trabalhar para a indústria alemã (BOSI, 2003, p. 86). Aliás, essa cidade era administrada pelos próprios judeus, que por causa da sobrevivência, criaram um projeto para os nazistas de “guetos industriais” que consistia em oferecer mão-de-obra mais barata (BOSI, 2003, p. 87). E esse é considerado um dos capítulos mais sombrios da História (BOSI, 2003, p. 90).

No Campo de Terezin, havia uma concentração rara de talentos, que os nazistas aproveitaram para fazer propaganda. Por exemplo, antes da visita da Cruz Vermelha, e também como preparação do cenário para o filme “O Führer oferece uma cidade aos judeus”, novas salas de música foram criadas, casas foram pintadas, as ruas lavadas, os prisioneiros foram obrigados a agir como figurantes, etc. Em 1944, depois da visita, vários artistas foram considerados inúteis e levados para o Campo de extermínio (BOSI, 2003, p. 104). Destacamos também a consciência que os artistas tinham em dar para a humanidade um testemunho da vida no Campo por meio de suas obras. Eles produziram peças clandestinas, como desenhos retratando a fila dos deportados no meio da chuva (BOSI, 2003, p. 96), as quais escondiam na biblioteca, nos sótãos e enterravam no solo. É de fundamental importância lembrar esse testemunho por meio da arte, que narra a verdade escondida pelos nazistas, pois como bem observou Bosi ao se referir aos pintores, “evocá-los, rever suas obras, escrever seus difíceis nomes tchecos, é mais que um labor memorativo, é uma necessidade de justiça” (BOSI, 2003, p. 97).

Para podermos dimensionar esse evento único na História, é necessário também compreender a onda negacionista que se formou em torno do Holocausto<sup>8</sup>. Louis Darquier de Pellepoix, membro do governo francês, e que foi responsável pela deportação de setenta mil judeus por volta de 1942, por exemplo, negou tudo: “as fotografias das pilhas de cadáveres são montagens; as estatísticas dos milhões de mortos foram fabricadas pelos judeus, sempre ávidos de publicidade, de comiseração e indenizações (...)” (LEVI, 2016, p. 20). No entanto, difícil é contestar as deportações, inclusive de crianças, por ter a sua assinatura em vários documentos. Contudo, ele declarou desconhecer o destino dessas pessoas. Indo mais longe nas suas distorções, afirmou que as câmeras de gás eram usadas para matar piolhos, e foram construídas após o fim da guerra para propaganda (LEVI, 2016, p. 21)<sup>9</sup>.

Toda a história da Alemanha nazista pode ser lida como uma guerra contra a memória, “falsificação da realidade, negação da realidade, até o ponto de fuga definitiva da realidade mesma” (LEVI, 2016, p. 24). Nas biografias sobre Hitler há consenso que nos seus últimos anos ele mesmo foi afetado pela fuga da realidade. Construiu em torno de si uma narrativa cheia de mentiras, a qual acreditava por meio de uma fé fanática (LEVI, 2016, p. 24).

Um ano antes da sua morte, em 1986, ano em que publicou *Os afogados e os sobreviventes*, Levi afirmou que “o sistema concentracionário nazista permanece um *unicum*, em termos quantitativos e qualitativos” (LEVI, 2016, p. 15). Por exemplo, embora os espanhóis tenham no século XVI eliminado aproximadamente sessenta milhões de indígenas em cem anos, isso tudo foi com pouco planejamento e causado

---

<sup>8</sup> O termo Holocausto remete aos padres da igreja, que usavam no sentido de “sacrifício às causas sagradas”, contendo na sua essência a ideia de culpa humana. No entanto, quando se trata de extermínio dos judeus, esse termo não pode ser usado (AGAMBEN, 2008, p. 37-39). Seligmann-Silva prefere usar a palavra *Shoah*, no lugar de Holocausto, que significa catástrofe, em hebraico, por não possuir as conotações sacrificiais incluídas neste (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 50).

<sup>9</sup> Nas declarações de Eichmann, no processo de Jerusalém, e na autobiografia de Rudolf Höss, o inventor das câmeras de gás com ácido cianídrico, se defenderam das acusações alegando que foram “educados para a obediência absoluta, a hierarquia, o nacionalismo” (LEVI, 2016, p. 21). Relataram que as decisões não eram suas, por isso se autoavaliam não responsáveis tampouco puníveis (LEVI, 2016, p. 21). Embora se possa dizer que o Estado totalitário exerça uma pressão sobre o indivíduo por meio de suas armas: propaganda, controle das informações e o terror, essa pressão não era irresistível. Nos dois casos relatados, “homens com gravíssimas responsabilidades”, é evidente a manipulação da recordação, pois inventaram uma narrativa passada e acreditaram nela. Temos que considerar, conforme Levi, que eles escolheram aderir à ideologia nazista mais por oportunismo do que pelo entusiasmo: “Ambos nasceram e se educaram muito antes que o Reich se tornasse verdadeiramente “totalitário” (LEVI, 2016, p. 22).

pelas epidemias que trouxeram junto para a América (LEVI, 2016, p. 15–16)<sup>10</sup>. Em contraste, o Holocausto em tão pouco tempo extinguiu tantas vidas humanas com uma combinação de tecnologia, fanatismo e crueldade.

---

<sup>10</sup> A preocupação de Levi é se o universo concentracionário, de fato, desapareceu ou retornará? Na obra *Os afogados e os sobreviventes*, também tenta responder a essa questão, embora ambiciosa na sua opinião (LEVI, 2016, p. 15).

### 3 LITERATURA DE TESTEMUNHO

A Literatura de Testemunho, conforme o professor de Teoria Literária da Unicamp, Márcio Seligmann-Silva, e uma das referências mais importantes sobre o tema, surge no século XX como uma nova forma de representação do passado, o da necessidade e o da impossibilidade de narrar:

A literatura de testemunho se articula: de um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; do outro, a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante dos fatos (inenarráveis) como também — e com um sentido muito mais trágico — a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua conseqüente inverossimilhança (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46).

Uma saída possível para resolver o problema da impossibilidade de narrar a experiência do Holocausto é lançar mão da imaginação, por meio do uso da linguagem literária (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 47). Porém, é preciso considerar que falar em imaginação não se trata de algo inventado ou falso. O próprio conceito de literatura, após a “Era das catástrofes”, é reformulado: “Na literatura de testemunho não se trata mais de imitação da realidade, mas sim de uma espécie de “manifestação” do “real” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 386), ou seja, a obra de testemunho implica o relato de algo que ocorreu, não é invenção (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 385–386)<sup>11</sup>.

Tanto os sobreviventes como as gerações posteriores ficaram com a árdua tarefa de rememorar a catástrofe por meio de seus escritos e relatos (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 51). Após Auschwitz, surge uma nova escritura do passado que usa a memória fragmentada, sendo que esta opera entre o lembrar e o esquecer, portanto “não existe a possibilidade de uma tradução total do passado” (SELIGMANN-SILVA, 2003, 64).

Conforme o filósofo italiano Giorgio Agamben, a palavra testemunha em latim tem dois sentidos: o primeiro, “*testis* (...) significa aquele que se põe como um terceiro (...) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso” (AGAMBEN, 2008, p. 27). O termo *testis* remete à testemunha jurídica, convocada para depor diante de um juiz em um processo para dar informações sobre uma discussão ou crime. Já *superstes*, remeteria ao testemunho

---

<sup>11</sup> Eric Hobsbawn usa o termo “Era das catástrofes” para se referir ao período histórico de 1914 a 1945 (cf.1995).

no sentido dado por Levi. Sua escrita se configuraria enquanto uma narrativa livre de julgamento e condenação.

A filósofa Jeanne Marie Gagnebin, no livro *Lembrar, Escrever, Esquecer*, aprofunda o conceito de testemunha:

não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, (...) a testemunha direta. Testemunha seria também aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas somente porque a transmissão simbólica, assumida apesar e pelo sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos auxiliar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Primo Levi, uma das maiores referências da literatura de testemunho, e objeto de estudo desse trabalho, aceitou o desafio de levar adiante a história do outro e de si mesmo. Depois que ele começou a trabalhar como químico no laboratório do Campo, onde a fome e o frio dão uma trégua, se deu conta da sua essência humana:

aparece a companheira de todo momento de trégua, da enfermaria, dos domingos de folga: a pena de relembrar, o velho tormento feroz de me sentir homem que, logo que a consciência sai das trevas, me acua de repente como um cachorro que morde. Então, pego lápis e caderno e escrevo o que não saberia confiar a ninguém (LEVI, 1988, p. 143-144).

É dentro do Campo que nasce a ideia de escrever o livro, pois a escrita é mais confiável do que o relato falado a alguém, ainda mais nesse contexto de incerteza em relação ao futuro, em que não sabe o que que acontecerá no amanhã.

Em *Os Afogados e os sobreviventes*, Levi relata que logo que as primeiras notícias dos campos de extermínio começaram a surgir por volta de 1942, o público tendia a não acreditar devido à natureza mesma dos fatos, que, de tão cruéis, não pareciam reais. Essa rejeição foi prevista pelos próprios nazistas que se anteciparam planejando escrever a própria História dos Campos:

Seja qual for o fim dessa guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que

são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos *Lager* (LEVI, 2016, p. 7).

Conforme Gagnebin, os nazistas queriam “destruir a possibilidade mesma de uma *história* dos campos” (GAGNEBIN, 2006, p. 46). O pensamento de que ninguém acreditaria no Holocausto vinha sob a forma de sonho, para o tormento dos prisioneiros, como veremos no capítulo 3. Antes da construção dos fornos crematórios pelos nazistas, os cadáveres das vítimas eram enterrados em fossas comuns. Isso era em um contexto em que a vitória alemã estava prestes a acontecer, “*depois* se veria o que fazer, de todo o modo o vencedor é dono também da verdade” (LEVI, 2016, p. 9). Contudo, os nazistas resolveram apagar tudo de uma vez, após terem sido derrotados pelos soviéticos, na virada de Stalingrado. O absurdo foi que “os próprios prisioneiros foram obrigados a desenterrar aqueles pobres restos e a queimá-los em fogueiras a céu aberto, como se uma operação dessas proporções, e tão incomum, pudesse passar totalmente inobservada” (LEVI, 2016, p. 9).

Nesse sentido, tendo em vista a tentativa de apagamento da História da existência do Holocausto por parte dos nazistas: “é natural e óbvio que o material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos seja constituído pelas memórias dos sobreviventes” (LEVI, 2016, p. 11). Porém, Levi faz um alerta de como essas memórias devem ser lidas. Apesar de despertarem tanto a piedade como a indignação, devem ser interpretadas com uma visão crítica. Deve se considerar que:

Para um conhecimento dos *Lager*, os *Lager* mesmos nem sempre eram um bom observatório: nas condições desumanas a que estavam submetidos, era raro que os prisioneiros pudessem adquirir uma visão de conjunto de seu universo. Podia acontecer, sobretudo àqueles que não compreendiam o alemão, que os prisioneiros não soubessem nem mesmo em qual ponto da Europa se achava o *Lager* em que estavam ou ao qual tinham chegado após uma viagem massacrante e tortuosa em vagões lacrados. Não sabiam da existência de outros *Lager*, talvez a poucos quilômetros de distância. Não sabiam para quem trabalhavam. Não compreendiam o significado de certas imprevistas mudanças de condição e das transferências em massa. Cercado pela morte, muitas vezes o deportado não era capaz de avaliar a extensão do massacre que se desenrolava sob seus olhos. O companheiro que hoje tinha trabalhado a seu lado amanhã sumia: podia estar na barraca próxima ou ter sido varrido do mundo; não havia jeito de saber. Em suma, sentia-se dominado por um enorme edifício de violência e de ameaça, mas não podia daí construir uma representação porque seus olhos estavam presos ao solo pela carência de todos os minutos (LEVI, 2016, p. 11-12).

Quer dizer, o testemunho oral e escrito dos prisioneiros “normais”, que não desfrutaram de algum privilégio no cativeiro, foi condicionado e afetado pela incompreensão. Sua capacidade de observação ficou limitada e prejudicada pelo sofrimento (LEVI, 2016, p. 12).

Isso não quer dizer que o testemunho dos prisioneiros privilegiados, que tinham um conhecimento mais amplo, fosse fiel aos fatos. Ao se submeter à autoridade do Campo, deixaram testemunhos com lacunas, distorções ou completamente falsos (LEVI, 2016, p. 12-13). Não é difícil imaginar por que isso acontecia. Algumas hipóteses seriam: eram ou se sentiam responsáveis em alguma medida pelos atos cometidos, embora estivessem cumprindo ordens; portanto, culpados; sentiam vergonha por cometerem atos tão bárbaros<sup>12</sup>.

Das três categorias principais de prisioneiros: políticos, judeus e criminosos, os melhores historiadores sobre o universo concentracionário se encontravam na categoria dos políticos. E a razão que explica isso é que esses prisioneiros, enquanto ex-combatentes, tinham uma capacidade maior para interpretar os fatos, dispondo de um leque cultural vastíssimo. Somado a isso, eles tinham consciência de que “um testemunho era um ato de guerra contra o fascismo” (LEVI, 2016, p. 13). Sem falar que eles também tinham um acesso aos dados estatísticos, além de terem desempenhado funções importantíssimas dentro do Campo, que lhe deram valiosos conhecimentos. Outro diferencial em relação às outras duas categorias é que nos últimos anos eles podiam escrever e conservar seus escritos, o que era impensável para os judeus e tampouco era uma preocupação para os criminosos (LEVI, 2016, p. 13).

Uma preocupação que o decorrer do tempo está causando é que as testemunhas, tanto de acusação como de defesa estão desaparecendo. Há ainda alguns sobreviventes, tentando superar o remorso e as feridas, e que, embora concordem em testemunhar, suas lembranças estão ficando cada vez mais confusas em virtude da distância temporal do acontecimento. Conforme podemos observar no trecho, eles:

---

<sup>12</sup> Os prisioneiros recordam que “as primeiras ameaças, os primeiros insultos, os primeiros golpes não vinham dos SS, mas de outros prisioneiros, de ‘colegas’, daqueles misteriosos personagens que também vestiam o mesmo uniforme de listras recém-vestido pelos novatos” (LEVI, 2016, p. 15).

dispõem de lembranças cada vez mais desfocadas e estilizadas; frequentemente, sem que o saibam, lembranças influenciadas por notícias divulgadas mais tarde, por leituras ou por narrações alheias. Em alguns casos, naturalmente, a desmemória é simulada, mas os muitos anos transcorridos lhe dão crédito, mesmo em juízo: os “não sei” ou os “não sabia”, proferidos hoje por muitos alemães, não mais escandalizam, ou deviam escandalizar, quando os fatos eram recentes (LEVI, 2016, p. 14).

Enquanto o tempo passa, as lembranças vão sendo apagadas ou substituídas por novas. O ser humano tem uma capacidade para memorizar que é espetacular, porém enganosa. Conforme as considerações de Levi: “As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos” (LEVI, 2016, p. 17).

Um exemplo de uma recordação que pode ser alterada é o caso de alguém que sofreu uma injustiça ou uma ofensa. Muitos sobreviventes de guerras ou de experiências traumáticas, inconscientemente, tendem a selecionar as suas recordações: “evocando-as entre eles mesmos ou narrando-as a terceiros, preferem deter-se nas tréguas, nos momentos de alívio, nos interlúdios grotescos, estranhos ou relaxados, esquivando-se dos episódios mais dolorosos” (LEVI, 2016, p. 24). Estes últimos, como não são incorporados à memória de boa vontade, acabam por se tornar difíceis de lembrar (LEVI, 2016, p. 24)<sup>13</sup>.

Interessante observar que para Levi os livros de memórias, os depoimentos, as confissões por parte dos opressores, prestados em juízos ou em entrevistas, constituem documentos de inestimável importância. Pouco importa as descrições dos fatos ou dos atos cometidos, pois são muito mais relevantes as motivações e as justificações dos atos realizados: por que você fez o que fez? Você sabia que estava cometendo um crime? As respostas para essas perguntas são semelhantes: “fiz

---

<sup>13</sup> Outro exemplo de distorção da realidade, com a função de defesa, ocorre não somente na recordação, mas no próprio ato. Levi recorda seu amigo de cativo, Alberto. Ele era um jovem bastante inteligente e crítico, que não se deixava levar por ilusões consolatórias como “a guerra vai acabar” ou “as seleções não existirão mais”. Porém, Alberto mudou completamente de atitude quando o seu pai foi selecionado para a câmara de gás. Começou a ouvir boatos que lhe pareciam verdades: “os russos estavam perto, os alemães não mais ousariam persistir no extermínio, aquela não era uma seleção como as outras, não era para as câmaras de gás, fora feita para escolher os prisioneiros debilitados mas recuperáveis, como seu pai, exatamente, que estava muito enfraquecido mas não enfermo (...)” (LEVI, 2016, p. 25). Aliás, ele sabia que o teriam mandado para um Campo que ficava próximo, na Polônia, destinado a quem estava se recuperando, e somente podia executar trabalhos leves. Alberto construiu para si mesmo uma verdade consolatória, recusando aceitar a verdade dolorosa, a de que seu pai morreu de fato (LEVI, 2016, p. 25).

porque me mandaram; outros (meus superiores) cometeram ações piores que as minhas; dada a educação que recebi e dado o ambiente em que vivi, não podia fazer outra coisa; se não o tivesse feito, outro agiria com maior dureza em meu lugar” (LEVI, 2016, p. 19).

Diante de depoimentos como esses, é de extrema importância preservar a memória dos oprimidos. Como Gagnebin afirmou, é necessário relembrar o passado para não repeti-lo. Logo após a libertação dos prisioneiros de Auschwitz, Levi se deu conta da ameaça sobre a memória. Na obra *A Trégua*, um relato do seu retorno para casa após a evacuação do Campo, ele escreve sobre o não ser ouvido:

Errando pelas ruas de Munique, cheias de escombros, ao redor da estação onde, mais uma vez, o nosso trem jazia encalhado, parecia-me estar caminhando entre as tropas de devedores insolentes, como se cada qual me devesse alguma coisa e se negasse a pagar. Eu estava entre eles, no campo de Agramante, em meio ao povo dos Senhores: mas os homens eram reduzidos, muitos mutilados, muitos vestidos de trapos como nós. Parecia-me que cada um deveria ter nos interrogado, ler em nossos rostos quem éramos, e ouvir humildemente a nossa história. Mas, ninguém olhava em nossos olhos, ninguém aceitou o desafio: eram surdos, cegos e mudos, entrincheirados entre as próprias ruínas como num fortim de desejado desconhecimento, fortes, ainda, capazes de ódio e desprezo, prisioneiros ainda do antigo nó de soberba e culpa (LEVI, 2010, p. 209-210).

Levi desembarcou em Munique, depois de uma longa e extenuante viagem de trem, e então se deparou com uma cena trágica e angustiante, a indiferença das pessoas diante da chegada deles. Essas pessoas recusaram-se a testemunhar o horror.

O momento da libertação, que à primeira vista deveria ser de alegria e alívio, acabou por se tornar um tormento. Na discussão sobre a memória, o trauma surge como um tema essencial, como destaca Gagnebin: “O *trauma* é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito” (GAGNEBIN, 2006, p. 110).

As feridas dos sobreviventes, que permanecem abertas, tampouco podem ser curadas, faltam aos mesmos palavras para expressar o acontecido quando retornam para casa (GAGNEBIN, 2006, p. 110). Somado a isso, um agravante se faz presente, como observou Levi na obra *É isto um homem?* sobre um sonho que o atormentava

quando estava no cativeiro. Nesse sonho, ele estava em casa, rodeado por seus familiares, porém ninguém o ouvia: “É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar mas bem me apercebo de que eles não me escutam” (LEVI, 1988, p. 60).

A partir de 1980, de acordo com Gagnebin, houve um debate crescente em torno do negacionismo, ou seja, da negação da própria existência da catástrofe, por meio da destruição das provas; a memória e a lembrança se tornaram questões de extrema relevância (GAGNEBIN, 2006, p. 42). É importante destacar que a memória está relacionada a outro conceito, o de rastro: “inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente” (GAGNEBIN, 2006, p. 44). Ainda, acrescenta que o termo:

Rastro que é fruto do acaso, da negligência, às vezes da violência; deixado por um animal que corre ou por um ladrão em fuga, ele denuncia uma presença ausente — sem, no entanto, prejudicar sua legibilidade. Como quem deixa rastros não o faz com intenção de transmissão ou de significação, o decifrar dos rastros também é marcado por essa não-intencionalidade (2006, p. 111).

Gagnebin afirma ainda que os nazistas voluntariamente tentaram apagar as provas do crime, matando judeus e eliminando inclusive os cadáveres a fim de não deixar rastros. Eles negaram o direito aos judeus de serem sepultados e lembrados. Nesse sentido, é tarefa do historiador lutar contra o esquecimento, a denegação e a mentira (GAGNEBIN, 2006, p. 44). Uma forma de combater o esquecimento é preservando a memória, a lembrança, o que implica lutar contra a morte, o desaparecimento. Era o que fazia o poeta Heródoto, ao narrar os grandes feitos dos gregos, isto é, para “manter viva a memória dos heróis” (GAGNEBIN, 2006, p. 45). Na luta contra o esquecimento, a escrita e a memória se tornam ferramentas indispensáveis. De acordo com Woolf, após a década de 1980, o tema de Auschwitz adquiriu urgência porque a nova geração de jovens começou a questionar a realidade e a relevância da história que Levi tinha para contar diante da produção estereotipada de filmes enganosos (WOOLF, 2007, p. 47).

O filósofo Theodor Adorno, judeu sobrevivente, escreveu vários artigos, nos anos 1950/60, ressaltando a importância “de não se esquecer Auschwitz” (GAGNEBIN, 2006, p. 99). Lembra que o próprio povo alemão desejava esquecer o passado, pois o peso da angústia estava se tornando insuportável não apenas devido

ao sofrimento das vítimas, mas também porque se sentia culpado por não ter feito nada diante das atrocidades (GAGNEBIN, 2006, p. 101).

Diante do que expomos acima, da presença do negacionismo, a Segunda Guerra Mundial surge como um acontecimento histórico que merece ser lembrado e não relegado ao esquecimento.

No próximo capítulo, trataremos sobre a biografia e o percurso literário de Levi, uma vez que são importantes para entender o seu testemunho.

#### 4 A BIOGRAFIA E O PERCURSO LITERÁRIO DE LEVI

Levi nasceu e morreu em Turim, na Itália. Em 1987, com 68 anos, foi descoberto morto em seu edifício após cair das escadas. Há suspeita de que ele tenha cometido suicídio. Ele se matriculou no curso de Química, na Universidade de Turim, em 1937, um ano antes do governo fascista aprovar leis que impediam que os judeus frequentassem as escolas públicas, com exceção para aqueles, incluindo Levi, que já estavam matriculados. Para a sorte de Levi, ele se formou em 1941.

Em 1943, Levi se envolveu politicamente se associando ao movimento de resistência contra o fascismo. Foi preso e enviado para o Campo de Fossoli, na Itália, em dezembro de 1943, com vinte e quatro anos (LEVI, 1988, p. 11). Em 1944, a administração do Campo ficou a cargo dos alemães nazistas, que deportam Levi e outros prisioneiros, como mulheres, crianças e idosos, para Auschwitz.

Em 1945, final da Segunda Guerra Mundial, depois do avanço russo e consequente evacuação dos nazistas, Levi fica por um tempo em um Campo de transição soviético, em Katowice, onde trabalhou como enfermeiro. Retorna para a Itália, no mesmo ano, após uma longa rota labiríntica.

Chegando na Itália, nos anos pós-guerra, diante de uma Europa devastada, começou a trabalhar em uma fábrica de tintas, perto de Turim. Logo após a sua chegada, escreveu sua primeira obra literária, *É isto um homem?*, em 1946, em apenas alguns meses, tamanha era a urgência que sentia em testemunhar a vivência no Campo de concentração. Depois da publicação da primeira obra literária, continuou exercendo sua profissão de químico, escrevendo aos domingos (LEVI, 2016, p. 137).

Muitos leitores o questionaram sobre a sua motivação para a escrita literária. Levi respondia que não era um bom aluno de Literatura, que preferia a Química. No entanto, na hora de escrever o primeiro livro, buscou dentro de si toda a Literatura que havia estudado a contragosto, Dante e os clássicos italianos. Costumava também relatar que a parte essencial da sua escrita resultava da sua experiência no universo concentracionário, e não do que leu, pois considerava Auschwitz uma Universidade. A sua profissão de químico com certeza trouxe elementos importantes para o seu estilo literário, como a precisão e a concisão na linguagem, por exemplo.

O testemunho se vale da evidência, assim como o cientista (WOOLF, 2007, p. 41). Para exemplificar, lembramos do episódio narrado por Levi quando estava em Katowitz, logo após o final da guerra, no Campo soviético. Lá encontrou caixas de

formulários autorizando chefes de famílias alemães a retirar do depósito de Auschwitz sapatos para adultos e crianças. Será que o povo alemão não se perguntou de onde vinham tantos sapatos? Ou seja, é possível responsabilizar coletivamente a população alemã por meio da evidência dos documentos (WOOLF, 2007, p. 42)<sup>14</sup>.

Ressaltamos conforme Woolf, o testemunho de Levi não pode ser interpretado como um relato autobiográfico, “como se fosse uma versão mais angustiante do Diário de Anne Frank” (WOOLF, 2007, p. 41). Ele não conta apenas a sua história, mas de muitos outros, sente uma obrigação de proporcionar justiça por meio da lembrança dos mortos que ele presenciou (WOOLF, 2007, p. 40).

Em 1947, começou a trabalhar como químico em um laboratório. De 1952-55, fez traduções e revisões de textos para uma editora. A partir de 1957, decidiu escrever a história do retorno para a Itália, após o final da guerra, *A Trégua*. Escreveu um capítulo por mês, à noite, nos fins de semana e nas férias, conciliando a família, o trabalho como químico, e a sua escrita. Em 1975, se aposentou, mas continuou trabalhando como consultor e escritor. Além da escrita, ao longo de sua vida deu palestras e entrevistas<sup>15</sup>. Escreveu sobre Auschwitz em diversos gêneros: além do testemunho, relatórios que fundamentaram os processos contra os nazistas em Nuremberg, autobiografia, poesia, ficção, ensaios, contos, romances, jornalismo, abordando o assunto em visitas às escolas, “tornando-se o melhor comentarista de sua própria escrita” (WOOLF, 2007, p. 37; 46).

A seguir, iremos nos deter nas obras *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, foco do nosso estudo.

Na obra *É isto um homem?*, escrita em primeira pessoa, com uma linguagem clara e direta, o narrador nos situa dentro do Campo de concentração nazista, onde passou onze meses como prisioneiro<sup>16</sup>. Não se trata de mais uma obra sobre o

---

<sup>14</sup> O documentário “Relato Final” (2021) do diretor inglês Luke Holland, cujos avós foram assassinados durante o Holocausto, exhibe depoimentos dos ex-nazistas, ex-membros do SS, mulheres etc. Holland fez amizade com eles, durante anos, para persuadi-los a falar. Muitos deles lutavam contra a própria consciência, tentando se distanciar “eu não sabia”, “eu não participei”, “se eu soubesse, teria agido diferente”, “fui forçado”, “tive que entrar na juventude Hitlerista”, etc. Outros não se arrependeram, demonstrando orgulho de ter servido à SS, relatando inclusive que a SS não era uma organização criminosa. Um dos entrevistados relatou que Hitler não era culpado, estava correto embora não concordasse com o extermínio dos judeus, que deveriam ter sido expulsos do país. Ora, se Hitler cometeu um dos maiores crimes da Humanidade, como ele não é culpado?

<sup>15</sup> Para a escrita do percurso biográfico e literário de Levi, usei como referência o site oficial <https://www.primolevi.it/en/biography>.

<sup>16</sup> Em Auschwitz, havia um Campo de concentração central, chamado Auschwitz, a dois quilômetros de distância havia o Auschwitz II (Birkenau), que era o Campo de extermínio onde ficavam as câmeras de

Holocausto, cujos fatos já são bem conhecidos pelos leitores, ou de apresentar novas denúncias, mas de um documento, como ele afirma no prefácio, “para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana” (LEVI, 1988, p. 7). Sua escrita possui um viés ético e político, pois se concentra na busca da verdade a partir das memórias dos sobreviventes, as quais são para ele a fonte mais confiável, apesar do aspecto fragmentado (LEVI, 2016, p. 11).

A primeira publicação foi em 1947 com 2500 cópias e não teve uma venda expressiva. Conforme Woolf, para apresentar uma evidência é preciso ter uma audiência<sup>17</sup>. A falta de preparação para se envolver com a experiência dos sobreviventes, a preocupação dos italianos em reconstruir o seu país, o desejo de esquecer uma sofrida realidade, a culpa que muitos italianos sentiam de terem traído os judeus colaborando com os alemães para a deportação, tudo isso contribuiu para, naquele período pós-guerra, Levi ter dificuldade em encontrar uma audiência (WOOLF, 2007, p. 42).

O livro voltou a ser publicado em 1957, desta vez pela editora Einaudi, a maior da Itália. Em 1959, foi traduzido para o alemão pela editora alemã Fischer Bücherei, quinze anos após Auschwitz, uma tradução de grande significado para Levi, pois seus leitores seriam os próprios opressores nazistas e não seus descendentes (LEVI, 2016, p. 137-138). Tratava-se, por assim dizer, da hora do acerto de contas, não no sentido de vingança, mas de diálogo. Ele estava satisfeito com a representação de Nuremberg, apesar de ser incompleta e parcial. Instigado pela curiosidade, queria compreender os alemães, mas não os grandes culpados e sim como ele mesmo coloca:

o povo, aqueles que eu vira de perto, aqueles entre os quais foram recrutados os soldados SS, e também os outros, os que haviam acreditado, os que, não acreditando, haviam calado, não haviam tido a coragem sutil de nos olhar nos olhos, de nos dar um pedaço de pão, de murmurar uma palavra humana (LEVI, 2016, p. 138).

---

gás. Próximo a esse estava a fábrica e o Auschwitz III (Monowitz), para onde Levi foi enviado. Cf. <https://www.primolevi.it/en/biograph>.

<sup>17</sup> Em *A Trégua*, algumas semanas após a libertação, Levi tenta contar a sua história a um advogado polonês. Seu ouvinte traduz para os espectadores, distorcendo deliberadamente, descrevendo-o como um prisioneiro político italiano e não judeu italiano. Ao responder a Levi por que ele fez isso, explicou que era melhor para ele porque a guerra ainda não tinha acabado. E ele estava certo, pois sete meses após o fim da guerra na Europa, trezentos e cinquenta judeus foram mortos na Polônia (WOOLF, 2007, p. 42).

Sem usar expressão de ódio ou raiva, Levi relembra que quase todos os alemães, durante o Holocausto, foram surdos, mudos, cegos e covardes. Não todos, pois havia exceções (LEVI, 2016, p. 138).

A tradução para o alemão repercutiu na Alemanha. Cerca de quarenta cartas foram escritas por leitores alemães para Levi no período de 1961 a 1964. As cartas tentam responder ou negam que exista uma resposta para a pergunta "é possível compreender os alemães?", uma pergunta implícita no prefácio da tradução alemã (LEVI, 2016, p. 143)<sup>18</sup>. De fato, seu livro reverberou na Alemanha, porém não entre os culpados, estes se calaram, mas entre os inocentes, que escreviam arrependendo-se, se sensibilizando, ou pela admissão da culpa, ou pela vergonha (LEVI, 2016, p. 157-158). A exceção foi um leitor que escreveu que o ódio de Hitler contra os judeus nunca foi popular e que a Alemanha era o país mais amigável em relação aos judeus (LEVI, 2016, p. 145). Em resposta endereçada a esse leitor, Levi escreveu uma carta dizendo que Hitler nunca escondeu seu ódio contra os judeus, desde o começo seu discurso foi de natureza mística, tendo os alemães como sendo "o povo eleito de Deus". Então, como "o povo mais amistoso em relação aos judeus" vota em um líder que defende que os judeus são inimigos da Alemanha? (LEVI, 2016, p. 147) Para Levi, a culpa maior do povo alemão é ter se calado (LEVI, 2016, p. 149).

Já em *Os afogados e os sobreviventes*, também escrita em primeira pessoa, há uma tentativa de esclarecer os fatos ainda obscuros do Campo de concentração. Ainda assim, se trata de uma obra literária, e não histórica, pois ele não analisa as fontes exaustivamente. Existe ainda outra diferença entre as obras: na última, a escrita de Levi tem o diferencial de contar com a distância temporal dos fatos, tendo a vantagem de ser mais crítica por dispor de uma compreensão mais ampla do complexo universo concentracionário. O livro, portanto, é o resultado das leituras, dos relatos ouvidos e dos encontros com os leitores dos seus dois primeiros livros (LEVI, 2016, p. 15), e, assim, uma obra mais madura. É, ainda, um livro de memórias, embora distantes, "serve-se, portanto, de uma fonte suspeita" (LEVI, 2016, p. 26). O livro constitui-se ainda mais por considerações do que lembranças propriamente ditas, em virtude do distanciamento temporal de quarenta anos do evento histórico em si<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Outras cartas lhe foram enviadas, nos anos posteriores, conforme as reedições do livro. Mas, foram escritas pelos filhos e netos, o trauma já não é deles, não é experienciado em 1ª pessoa (LEVI, 2016, p. 143).

<sup>19</sup> Levi analisa cuidadosamente suas recordações pessoais e os episódios inéditos, nessa obra, apesar do tempo os terem enfraquecido um pouco (LEVI, 2016, p. 26).

Levi se serviu da profissão de químico para interpretar o Campo, não sendo indiferente ao que acontecia ao seu redor. Analisou “os exemplares” humanos a partir do método científico usado no seu ofício. Se questionava se agisse de uma determinada forma, como reagiria a “substância” (no caso, em questão, os seus interlocutores). Nutrindo essa curiosidade, alimentou a mente, e esse material, posteriormente, serviu para escrever seus livros (LEVI, 2016, p. 114). Então, a profissão o auxiliou para se adaptar, assim como aprendeu muito a partir da vivência. Vale destacar a observação feita por Woolf sobre a linguagem pouco emotiva escolhida deliberadamente por Levi para narrar Auschwitz, sem lamentações das vítimas tampouco uma voz irada de alguém que quer vingança (WOOLF, 2007, p. 38).

## 5 É ISTO UM HOMEM? E OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES

Neste capítulo, trataremos sobre os seguintes tópicos: o tipo de narração, a linguagem, a representação do trauma e as implicações éticas e morais associadas à questão da morte e da sobrevivência, que são importantes para a compreensão da categoria dos “muçulmanos”.

*É isto um homem?* é uma obra de testemunho, em que o narrador é o próprio autor, Primo Levi. Possui cento e setenta e cinco páginas, divididas em dezessete capítulos. Levi inicia testemunhando sobre a viagem de trem descrevendo o vagão de carga, trancado por fora, que levou ele e os prisioneiros até o Campo de concentração. Chegando em Auschwitz, compara o Campo de trabalho ao inferno. Sua atitude inicial em relação ao que estava vivenciando era de incompreensão, pensava que se tratava de uma peça teatral, portanto, totalmente incrédulo diante da realidade presenciada. Ainda, narra sobre a vida no Campo, o que foi preciso fazer para se adaptar, para sobreviver. No capítulo “Os acontecimentos do verão”, já passados cinco meses lá dentro, em 1944, sua conduta muda, já pensa em não se atormentar tentando compreender quando aquela situação acabaria. Dedicou um capítulo, “Kraus”, para tratar sobre aquele que não aprendeu a adaptar-se à vida do Campo, ou seja, o submerso.

Os temas predominantes na obra são: a busca pela identidade e a desumanização, os quais são narrados predominantemente em primeira pessoa, em uma linguagem precisa, que reflete sua formação científica, sem rodeios. Como sua narrativa tem a característica de impulso imediato, na urgência de narrar, não se preocupou no momento da escrita em estabelecer uma ordem lógica, o que foi feito posteriormente para a publicação.

Já no prefácio da obra *É isto um homem?* Levi informa ao leitor sobre a necessidade urgente de testemunhar a sua experiência de um ano vivida no Campo de concentração em Auschwitz, a qual compete com outras necessidades básicas como comer e dormir:

A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto com a finalidade de libertação interior (LEVI, 1988, p. 8).

Enquanto avançamos a leitura, entendemos que antes da libertação dos prisioneiros dos Campos de concentração, essa necessidade de contar aos outros os acontecimentos lá vivenciados se apresentava aos prisioneiros por meio de sonhos sempre envolvendo o retorno ao lar e a fome:

Por trás das pálpebras recém-fechadas, brotam violentamente os sonhos, os sonhos de sempre. De estar em nossa casa, numa prodigiosa banheira quente. De estar em casa, sentados à mesa. De estar em casa, narrando esse nosso trabalho sem esperança, esta fome de sempre, este sono de escravos (LEVI, 1988, p. 69).

Em outro trecho, Levi nos relata outro sonho, mas desta vez acompanhado de uma desconcertante sensação de angústia e dor, que deixou marcas traumáticas em sua memória. No sonho, que não é apenas de Levi, mas de muitos de seus companheiros, trata-se de uma narração sobre o fato de que familiares, amigos e demais pessoas não querem ouvir:

Aqui está a minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos escutam enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-lo porque é mais forte que eu. Conto também a história da nossa fome, e do controle dos piolhos, e do Kapo que me deu um soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio (LEVI, 1988, p. 60).

Não é difícil compreender por que as pessoas não queriam ouvir esse relato, pois a crueldade sofrida pelos prisioneiros, a maioria judeus, foi tão grande que “no Campo perde-se o hábito da esperança e até a confiança no próprio raciocínio” (LEVI, 1988, 172). Porém, ao mesmo tempo em que há um impulso natural para relatar as situações tão desumanas pelas quais eles passaram, há uma dificuldade de testemunhar dada a natureza própria da linguagem. Para tentar contornar esse problema, Levi recorre à linguagem metafórica para descrever o mundo vivido dentro do Campo.

A linguagem é insuficiente para explicar o que é trabalhar o dia inteiro no inverno, em temperatura abaixo de zero e dispondo de poucas roupas. Ainda, se os

Campos tivessem persistido por mais tempo, teria, de acordo com Levi, surgido uma nova linguagem, mais áspera:

Assim como nossa fome não é apenas a sensação de quem deixou de almoçar, nossa maneira de termos frio mereceria uma denominação específica. Dizemos “fome”, dizemos “cansaço”, “medo” e “dor”, dizemos “inverno”, mas trata-se de outras coisas. Aquelas são palavras livres, criadas, usadas por homens livres que viviam, entre alegrias e tristezas, em suas casas (LEVI, 1988, p. 125).

Os trens alemães, que eram verdadeiros vagões de carga, trancados por fora, transportavam para Auschwitz mulheres, homens, idosos e crianças de forma extremamente bárbara, como se fossem animais sem importância, empilhados uns sobre os outros para um caminho sem volta. O pesadelo desse percurso é marcado pela fome, o frio, o cansaço, a privação de sono, a sede, etc. (LEVI, 1988, p. 15-16). Em outro trecho da mesma obra, vemos novamente a desumanização. Nos dormitórios dentro do Campo, os prisioneiros colocam as roupas às pressas antes mesmo de amanhecer, correm para as latrinas e os lavatórios, meio nus, “muitos como bichos, urinam enquanto correm, para poupar tempo, porque dentro de cinco minutos começa a distribuição de pão” (LEVI, 1988, p. 37).

Vale destacar o relato de Levi sobre um prisioneiro chamado Steinlauf, ex-sargento do exército. Ele se lavava mesmo sem sabão, e questionou Levi, de forma ríspida, por que ele não fazia o mesmo. Na perspectiva de Levi, lavar-se implicaria viver menos porque dá trabalho, seria perda de tempo, de energia, em pouco tempo estaria sujo novamente com carvão. Em resposta, o ex-sargento afirma que é necessário manter a higiene, mesmo que a água esteja suja e que tenham que se secar usando as próprias roupas. Levi não esqueceu o sentido dessas palavras e o simbolismo dessa ação:

justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização (LEVI, 1988, p. 39).

O ponto é que apesar de estarem em uma condição de escravos, desprovidos de direitos, à beira da morte, restaria ainda uma última opção, a da recusa de viver como animais. Devia-se fazer a higiene para se agir como humanos, andar eretos e

não curvados ou cabisbaixos, para continuar vivos e não começar a morrer (LEVI, 1988, p. 39). Não se trata aqui de manter a higiene corporal, mas mental e psicológica, um hábito que não se deveria extinguir mesmo diante de circunstâncias como estas.

Não bastasse isso, ainda havia a confusão das línguas. Logo que se entra no Campo é preciso aprender e adaptar-se às múltiplas línguas, especialmente, claro, o alemão. E não compreender o que o outro fala é um grande problema e desvantagem, como afirma Levi, “a gente fica no meio de uma perpétua babel, na qual todos berram ordens e ameaças em línguas nunca antes ouvidas, e ai de quem não entende logo o sentido” (LEVI, 1988, p. 36). Trata-se aqui de um episódio acontecido logo após a chegada de Levi no Campo. Mergulhado em dúvidas, dirige aos seus companheiros as mais diversas perguntas, sobre quando seria a distribuição da sopa, como comeria se não tem colher etc., e seus companheiros no dormitório respondiam, em alemão, com um recriminador “ruhe!”. Levi desconhecia o significado dessa palavra, mas entendeu o seu sentido (silêncio) pelo contexto. Além de relatar esse acontecimento, ele descreve como estava se sentindo comparando-se a animais: “instintivamente nos juntamos nos cantos contra as paredes, como um rebanho de ovelhas, para sentirmos as costas materialmente protegidas” (LEVI, 1988, p. 36). Em outro trecho, há novamente a comparação com os animais: “nosso pescoço é comprido e arrepiado como o dos frangos depenados” (LEVI, 1988, p. 144).

A linguagem não tem recursos para capturar todas as dimensões da vivência dentro do Campo de concentração, como apontado pelo próprio Levi: “Pela primeira vez, então, nos demos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem” (LEVI, 1988, p. 24). Convencido sobre a impossibilidade de expressão pela linguagem, o autor recorre à metáfora, comparando o Campo ao inferno. Depois de uma viagem longa e extenuante, sem beber água há quatro dias, conclui: “Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante, mas que não tem água potável, esperando algo certamente terrível” (LEVI, 1988, p. 20). Não há mais pensamento, “é como se estivéssemos mortos” (LEVI, 1988, p. 20).

Já na obra *Os afogados e os sobreviventes*, Levi faz algumas considerações sobre a utilização da escolha correta de palavras, de modo a atenuar o sentido que se quer dar, refletindo sobre o uso da própria linguagem para manipular a realidade. Os próprios eufemismos como “solução final” e “tratamento especial” tinham como objetivo mascarar a realidade. Serviam para iludir as vítimas, impedir a resistência e

prevenir que a opinião pública tivesse conhecimento do que acontecia nos territórios ocupados pela Alemanha nazista (LEVI, 2016, p. 23-24).

Ainda nessa obra Levi se deu conta, depois de muita reflexão, o quão importante é a linguagem para a própria sobrevivência, principalmente para os judeus e os gregos<sup>20</sup>. A não compreensão da língua trazia aos prisioneiros grande desvantagem. O choque linguístico ocorreu já antes da deportação, como podemos ver no trecho:

ainda na Itália, no momento em os funcionários da Segurança Pública italiana nos cederam, com visível relutância, aos SS, que em fevereiro de 1944 se arrogaram a gestão do campo de triagem de Fóssoli, perto de Módena. Logo nos demos conta, desde os primeiros contatos com os homens desdenhosos com distintivos negros, de que saber ou não o alemão era um divisor de águas. Com quem os compreendia e lhes respondia de modo articulado, instaurava-se uma aparência de relação humana. A quem não os compreendia os homens de negro reagiam de um modo que nos espantou e amedrontou: a ordem que havia sido pronunciada com a voz tranquila de quem sabe que será obedecido, era repetida em voz alta e enfurecida, depois berrada a plenos pulmões, como se faria com um surdo, ou melhor, com um animal doméstico, mais sensível ao tom do que ao conteúdo da mensagem (LEVI, 2016, 73).

Para aqueles que não compreendiam as ordens, depois dos gritos vinham os golpes. Surgiu uma nova linguagem nessa relação, que era o chicote, ou seja, “aquele que se fazia compreender por todos” (LEVI, 2016, 74). Para os jovens alemães de Hitler, acostumados com o discurso de que a única civilização existente era a alemã, todo e qualquer povo que não falasse o alemão era visto como bárbaro, portanto, deveria ser eliminado (LEVI, 2016, p. 73).

Como vimos anteriormente, os prisioneiros morriam por fome, por doenças, pelo frio, pelo cansaço e pelo esgotamento, no entanto, Levi analisando mais profundamente a questão, quatro décadas após a libertação, se deu conta de que eles morriam devido à insuficiência de informação:

se tivessem conseguido comunicar-se com os companheiros mais antigos, teriam se orientado melhor: aprenderiam antes a obter roupas, sapatos, comida ilegal; a evitar o trabalho mais duro e os encontros, muitas vezes mortais, com os SS; a cuidar sem erros fatais das doenças inevitáveis. Não quero dizer que não morreriam, mas

---

<sup>20</sup> Muitos franceses tinham origem polonesa ou alemã, então compreendiam bem o alemão (LEVI, 2016, p. 73).

teriam vivido por mais tempo, tendo maiores possibilidades de recuperar o terreno perdido (LEVI, 2016, p. 75).

O próprio Levi lembra que compreender a língua alemã foi essencial para a sua própria sobrevivência<sup>21</sup>. Ele aprendeu alemão antes de chegar no cativeiro, enquanto era estudante, para ler os textos técnicos de química e física, mas não para compreender a linguagem falada. O seu vocabulário não era suficiente para compreender os comandos dos Kapos e dos SS e ele dependia no início de quem traduzisse as palavras do alemão para o francês. Eventualmente, em troca de uma porção de seu pedaço cinzento de pão, Levi conseguiu que um desses tradutores lhe desse aulas de alemão, no pouquíssimo tempo que havia disponível entre o toque de recolher e a chegada do sono (LEVI, 2016, p. 77-78)<sup>22</sup>.

Muito tempo depois, ele se deu conta de que os Campos de concentração tinham uma língua própria, um modo de falar próprio. Por exemplo, usavam o verbo “fressen” para indicar “alimentar-se”, palavra que se aplica aos animais (LEVI, 2016, p. 80)<sup>23</sup>. Os nazistas não apenas percebiam e tratavam os prisioneiros como se animais fossem, mas também eram coerentes, adequando a própria linguagem, em uma obsessão compulsiva por perfeição e purificação inclusive da língua. Não esqueçamos que a destruição da própria linguagem é uma forma de dominação. A

---

<sup>21</sup> Além da falta de comunicação interna havia a externa. O Campo Monowitz-Auschwitz, em que Levi estava era uma exceção em relação à comunicação com o mundo externo. Podia-se considerá-lo privilegiado em comparação com outros Campos onde o isolamento era total. Em Monowitz-Auschwitz chegavam, frequentemente, novos prisioneiros oriundos de todos os países da Europa, que traziam notícias atualizadas, muitas vezes, presenciadas por eles mesmos, apesar dos perigos que corriam (LEVI, 2016, p. 82). Nos outros Campos, a situação era diferente. Os prisioneiros que chegavam vinham de outros Campos ou de guetos e, segregados do restante do mundo, traziam apenas as notícias locais (LEVI, 2016, p. 83).

<sup>22</sup> Levi relembra de quando estava no Campo o distribuidor de sopa era polonês, assim como a maioria dos prisioneiros. A língua oficial tornara-se o polonês. Quarenta anos depois da libertação, ainda lembra palavras de forma acústica, do número de controle do prisioneiro que o precedia na fila, pois quando chegava a sua vez era preciso estar de prontidão com o prato erguido para não perder a vez (LEVI, 2016, p. 76). A segunda língua do Campo era o ídiche, substituída posteriormente pelo húngaro. Os judeus italianos não falavam ídiche, o que causava espanto entre os judeus poloneses e russos (LEVI, 2016, p. 81). A incomunicabilidade trouxe sérias consequências para os judeus, proibidos de se comunicar com a região de origem e a família, como o surgimento do sentimento de abandono e de um ressentimento causado pela injustiça da situação. Quem sofreu o exílio, começa a se questionar: eles que estão livres, por que não me resgatam? Ou, ao menos, que me escrevessem (LEVI, 2016, p. 83).

<sup>23</sup> Percebeu também, tempos depois, que sua pronúncia do alemão era tosca, porém não tentou melhorá-la, tampouco retirou a tatuagem do seu número de identificação do braço esquerdo (LEVI, 2016, p. 80). Aliás, a razão pela qual ele não retirou a tatuagem tem a ver com a questão do próprio testemunho, a tatuagem é uma prova que ele mostra com ira àqueles que não acreditam que ele tenha vivido no Campo de concentração. Destaco também que a tatuagem teria um significado simbólico, um retorno à barbárie, por meio dela o nome era substituído pelo número, uma marca colocada nos animais que irão para o matadouro (LEVI, 2016, p. 97).

confusão das línguas, no encarceramento, é autodestrutiva, tendo como consequência o desaparecimento do próprio pensamento.

Em *A trégua*, que trata sobre o retorno dos sobreviventes após a libertação, Levi narra a história de Hurbinek, um menino que aparentava ter três anos, mas certamente tinha mais. O menino não falava, porém demonstrava pelos olhos uma vontade enorme de romper a barreira da incomunicabilidade:

Hurbinek era um nada, um filho da morte, um filho de Auschwitz. Aparentava três anos aproximadamente, ninguém sabia nada a seu respeito, não sabia falar e não tinha nome: aquele curioso nome, Hurbinek, fora-lhe atribuído por nós, talvez por uma das mulheres, que interpretara com aquelas sílabas uma das vozes inarticuladas que o pequeno emitia, de quando em quando. Estava paralisado dos rins para baixo, e tinha as pernas atrofiadas, tão adelgadas como gravetos; mas os seus olhos, perdidos no rosto pálido e triangular, dardejavam terrivelmente vivos, cheios de busca de asserção, de vontade de libertar-se, de romper a tumba do mutismo. As palavras que lhe faltavam, que ninguém se preocupava de ensinar-lhe, a necessidade da palavra, tudo isso comprimia seu olhar com urgência explosiva: era um olhar ao mesmo tempo selvagem e humano, aliás, maduro e judicante, que ninguém podia suportar, tão carregado de força e de tormento (LEVI, 2010, p. 19-20).

Ainda, nos é narrado que Hurbinek morreu no início do ano de 1945, depois da libertação. Nós, os leitores, conhecemos essa história por meio do testemunho de Levi, mas é uma narrativa que não experienciamos em primeira pessoa. Nesse sentido, a necessidade e a impossibilidade de narrar a experiência concentracionária andam juntas. Por um lado, é necessário contá-la para o mundo conhecê-la e para que não caia no esquecimento e no negacionismo, como queria o Estado totalitário. Por outro lado, há a impossibilidade de narrar, “nada resta dele: seu testemunho se dá por meio de minhas palavras” (LEVI, 2010, p. 21). Conhecemos a sua história por meio do depoimento de Levi, não é um testemunho do próprio Hurbinek. Uma coisa é contar a sua própria vivência, outra bem diferente é uma pessoa contar sua percepção sobre a vida de outrem. Seria sempre uma descrição limitada. Ainda, trata-se de uma narrativa que possui lacunas: não sabemos, por exemplo, qual a origem de Hurbinek e se ele nasceu no Campo.

No capítulo “O canto de Ulisses”, Levi refere-se a alguns versos da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Ele narra a história de Jean, o mais jovem prisioneiro do

comando Químico, cuja função era ser Pikolo, ou seja, de mandalete-escriturário<sup>24</sup>. Jean apesar de desfrutar de certos privilégios, mantinha relações amigáveis com os companheiros em circunstâncias menos favorecidas, entre eles Levi. Jean o chamou para ajudá-lo a buscar na cozinha o panelão de cinquenta quilos de sopa, que ficava a um quilômetro de distância. Neste percurso, Jean, que falava bem tanto o francês como o alemão, se mostrou interessado em aprender italiano. Levi aceita o desafio de ensiná-lo, esforçando-se enormemente para lembrar os versos da *Divina Comédia*<sup>25</sup>:

Cuidado, Pikolo, abre os ouvidos e a mente, eu preciso que compreendas: “Relembrai vossa origem, vossa essência;/vós não fostes criados para bichos,/e sim para o valor e a experiência.” É como se eu também ouvisse isso pela primeira vez: como um toque de alvorada, como a voz de Deus. Por um momento, esqueci quem sou e onde estou. Pikolo me pede para repetir esses versos. Como ele é bom: compreendeu que está me ajudando. Ou talvez seja algo mais: talvez (apesar da tradução pobre e do comentário banal e apressado) tenha recebido a mensagem, percebido que se refere a ele também, refere-se a todos os homens que sofrem, e especialmente a nós: a nós dois, que ousamos discutir sobre estas coisas, enquanto levamos nos ombros as alças do rancho.” (LEVI, 1988, p. 116).

Nesse momento, Levi e Jean compartilharam por meio da literatura uma experiência que os separa dos demais “animais”. É uma experiência de trégua do sofrimento, pelo menos momentaneamente<sup>26</sup>. E é justamente essa experiência que a ideologia nazista alemã queria aniquilar tentando transformar os prisioneiros em coisas, na tentativa de destruição da sua identidade, memória e humanidade através de instrumentos como o apagamento dos nomes pessoais, substituídos por números tatuados no braço esquerdo (LEVI, 1988, p. 25)<sup>27</sup>.

<sup>24</sup> Jean limpava o barraco, entregava as ferramentas, lavava as gamelas e fazia a contabilidade das horas de trabalho (LEVI, 1988, p. 111). Graças ao seu cargo, que era elevado na hierarquia dos privilegiados, os chamados “proeminentes”, ficava livre do trabalho braçal e desfrutava do fundo do panelão de sopa, a parte mais sólida, portanto mais nutritiva, do alimento (LEVI, 1988, p. 112).

<sup>25</sup> Numa época em que o latim era a língua franca (compartilhada) entre os intelectuais, Dante usou a sua língua local de Florença, o italiano, nos seus escritos. Diante desse fato, faz sentido Levi ter escolhido seus versos para ensinar a língua italiana a Jean, visto que Dante é considerado o pai da língua italiana.

<sup>26</sup> Em *Os afogados e os sobreviventes*, Levi acredita que a cultura foi útil para a sua sobrevivência. Ele retoma o capítulo “O canto de Ulisses” da obra *É isto um homem?* lembrando a sua tentativa de recordar os versos da *Divina Comédia*. Aquelas recordações eram valiosas, pois significavam uma ligação com o passado, resgatando-o do esquecimento e um reencontro consigo mesmo. Além disso, a própria profissão de químico o salvou das “seleções” para o gás, uma vez que foi considerado apto para o trabalho (LEVI, 2016, p. 113).

<sup>27</sup> A própria denominação lexical “prisioneiros” dá a ideia de alguém privado de liberdade, portanto, alguém condenado por ter cometido um crime. Era assim que os nazistas viam os judeus principalmente, como sendo culpados pela própria condição na qual se encontravam. Diversas eram

Ao chegar em Auschwitz, o narrador se dá conta de que pior situação que esta não existe:

Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos, se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubaram também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos (LEVI, 1988, p. 24-25).

Havia também por parte dos nazistas, entre tantas proibições, a do diálogo, o uso articulado da palavra, que é uma característica essencialmente humana. Os prisioneiros aprenderam, uns mais, outros menos depressa, “a não fazer nunca perguntas, a fingir ter compreendido sempre” (LEVI, 1988, p. 31). O que era extremamente difícil, pois ali conviviam pessoas de várias nacionalidades, falando as mais diversas línguas.

Há uma passagem na qual o narrador relata a entrevista de uma prova de Química para selecionar presos para trabalhar como químicos na fábrica do campo, feita pelo alemão Dr. Pannwitz. Após entrar em seu escritório para a entrevista, Levi descreve o olhar que trocou com o Dr. Pannwitz como “um olhar não foi cruzado entre dois homens” (LEVI, 1988, p. 108) . Nesse momento, percebeu que com esse olhar, se confirmou o que se pensava e o que se dizia dos alemães, a saber, que viam os judeus como algo que deve ser eliminado, mas que, antes, devia-se ainda analisar se não tinha alguma coisa que se pudesse aproveitar (LEVI, 1988, p. 108)<sup>28</sup>.

---

as formas que eles buscavam para justificar seus atos. Por exemplo, Levi referindo-se a si mesmo, narra “aprendi que sou um *Häftling*. Meu nome é 174.517” (LEVI, 1988, p. 25). *Häftling* em alemão significa prisioneiro.

<sup>28</sup> Levi pensou muito sobre o Dr. Pannwitz, desde aquele dia da entrevista, tentando compreender a essência humana diante de tanta maldade; se questionava o que ele fazia no tempo livre. Depois da sua libertação, desejava encontrá-lo, mas não por vingança e sim por curiosidade em relação à alma humana (LEVI, 1988, p. 107). Nessa entrevista, Levi foi um dos selecionados para trabalhar no laboratório de Química. O trabalho consistia em carregar sacos de sessenta quilos de fenilbeta. Depois dos primeiros bombardeios, eles tiveram que esvaziar o depósito. Era um trabalho extenuante, pois “o fenilbeta grudava-se na pele suada, por baixo da roupa, e nos roía como uma lepra, a pele soltava-se dos nossos rostos em grossas escamas queimadas” (LEVI, 1988, p. 138). Após cessar os bombardeios, eles tiveram que levar novamente os sacos para o depósito. Quando o depósito foi atingido pelas bombas, eles tiveram que remover os sacos e, depois que o depósito foi consertado, levar novamente a carga para lá. O cheiro da substância química penetrava suas roupas, vinte e quatro horas por dia (LEVI, 1988, p. 138-139). Depois, Levi teve sorte por ter sido escolhido para trabalhar no laboratório como operário especializado, desfrutando de privilégios como roupas novas e a possibilidade de fazer a barba uma vez por semana (LEVI, 1988, p.141). As condições de trabalho

Ainda, há outro trecho, bastante comovente, que comprova mais uma vez a visão que os nazistas tinham sobre os judeus como sendo coisas ou objetos, desprovidos de qualquer característica humana: “quando chego ao seu lado, Alex, sem ódio nem escárnio, esfrega em meu ombro a mão, a palma e o dorso, para limpá-la” (LEVI, 1988, p. 110). Esse fato aconteceu quando eles retornavam da entrevista da prova de Química e o Kapo sujou suas mãos com graxa pegajosa em um cabo de aço que estava no meio do caminho.

Uma das implicações da desumanização nesse universo concentracionário era a ausência da moralidade. Noções como “bem”, “mal”, “certo” e “errado”, termos do mundo moral comum, não se aplicavam às relações sociais nos Campos de concentração. Ao entrar no Campo, não eram fornecidas aos prisioneiros colheres para tomar a sopa líquida, elas eram produzidas na fábrica pelos prisioneiros especializados do setor de ferraria e chapeamento. Nos intervalos livres, às escondidas, eram confeccionados a martelo de material tosco e improvisado como chapas<sup>29</sup>. Os fabricantes produziam dois tipos de colheres, as comuns e as com cabo afiado que servia como faca para cortar o pão, com variação de preço na venda, e vendiam para os novatos<sup>30</sup>. O regimento do campo determinava que os doentes podiam entrar na enfermaria com a colher, mas só podiam sair sem ela (LEVI, 1988, p. 86)<sup>31</sup>. Os enfermeiros roubavam os utensílios dos que recebiam alta, dos mortos e

---

mudaram drasticamente, o laboratório era limpo, a temperatura agradável e o problema do frio e da fome estava, na medida do possível, resolvido. Tudo isso ajudava a evitar ficar gravemente doente, e a escapar das seleções (LEVI, 1988, p. 142). Além disso, não apanhava, roubava e vendia gasolina correndo poucos riscos, trabalhava sentado o dia todo, com caderno, lápis e um livro sobre os métodos analíticos. Passava o dia no trabalho, no entanto, durante a noite, nada o diferenciava do restante do rebanho (LEVI, 1988, p. 143).

<sup>29</sup> No Campo de trabalho Monowitz, localizado perto de Auschwitz, também chamado Buna, os prisioneiros trabalhavam na instalação de uma fábrica de borracha (LEVI, 1988, p. 23). O Campo era cercado com arame farpado ligado à corrente elétrica de alta tensão, justamente para impedir a fuga dos prisioneiros. Possuía cerca de sessenta barracos de madeira chamados Blocos, uma ducha e latrina para cada sete Blocos; nesses Blocos havia uma divisão: os destinados à enfermaria, aos sargentos, aos arianos alemães, políticos ou criminosos, aos Kapos etc. No centro do Campo, havia a Praça da Chamada, onde os prisioneiros se reuniam duas vezes ao dia, de manhã para fazer as filas em direção ao trabalho e à noite para a contagem dos prisioneiros, independentemente da temperatura. Na frente da praça eram montadas as forcas, quando era preciso. Os moradores do Campo se dividiam em três tipos de prisioneiros: os criminosos, que carregavam, ao lado do número costurado no casaco, um triângulo verde; os políticos, um triângulo vermelho e os judeus, a grande maioria, a Estrela de David, vermelha e amarela. Os guardas SS raramente apareciam e os judeus eram submetidos aos criminosos, aos políticos e aos próprios judeus (LEVI, 1988, p. 29-31).

<sup>30</sup> O preço de uma colher comum era de meia ração de pão, já a colher-faca valia três quartos de ração (LEVI, 1988, p. 86). Em *Os afogados e os sobreviventes*, Levi narra que na libertação do Campo, eles encontraram nos depósitos milhares de colheres, de todos os tipos, provenientes da bagagem dos deportados. Então, não fornecê-las não era uma questão de economia, mas de humilhação, pois tinham que beber a sopa igual aos animais (LEVI, 2016, p. 93).

<sup>31</sup> Ka-Be significa enfermaria (LEVI, 1988, p. 45).

dos “selecionados” para a revenda. Os doentes recuperados e que voltavam ao trabalho tinham que, além de se adaptar novamente ao ambiente com novos companheiros e desconhecidos, dar jeito de conseguir novos utensílios, portanto partiam do zero com a desvantagem de meia ração de pão que precisavam gastar para adquirir uma nova colher. O próprio Levi roubava rolos de papel na fábrica para vender à direção da enfermaria para uso dos gráficos das pulsações (LEVI, 1988, p. 86-87)<sup>32</sup>. Diante disso, o narrador nos chama para refletir sobre qual seria o significado, nesse contexto, das categorias morais usuais:

Desejaríamos, agora, convidar o leitor a meditar sobre o significado que podiam ter para nós, dentro do Campo, as velhas palavras “bem” e “mal”, “certo” e “errado”. Que cada um, na base do quadro que retratamos e dos exemplos que relatamos, o quanto, de nosso mundo moral comum, poderia subsistir aquém dos arames farpados” (LEVI, 1988, 87).

Levi compara o Campo à casa dos mortos, então noções como moralidade obviamente não fazem sentido. Na medida em que os prisioneiros vão conhecendo o funcionamento e os regulamentos que ditam o ritmo do Campo, aprendem que tudo que tem algum uso seria roubado. Para evitar isso, eles enrolavam todos os pertences, como gamelas, colher e sapatos, em um casaco, e dormiam apoiando a cabeça nessa trouxa. Levavam tudo consigo para todo lugar e, enquanto lavavam o rosto, mantinham a trouxa bem apertada entre as pernas, pois no menor descuido tudo era roubado (LEVI, 1988, p. 31-32).

Thomas Hobbes, em *Leviatã*, nos lembra sobre o direito que todos nós temos de protegermos a nós mesmos, mesmo que para isso seja necessário lançar mão de ações consideradas moralmente injustas:

Desta guerra de todos os homens contra todos os homens também isto é consequência: que nada pode ser injusto. As noções de bem e mal, de justiça e injustiça, não podem aí ter lugar. Onde não há poder comum, não há lei, e onde não há lei, não há injustiça. Na guerra, a

---

<sup>32</sup> O roubo acontecia tanto na fábrica como no Campo. Na primeira, era punido logicamente pelas autoridades competentes, no entanto, incentivado pelos guardas SS. Já no segundo, era reprimido pelos guardas e autorizado como sendo operação normal de troca pelos civis. Já o roubo entre os prisioneiros, quando punido, a pena é a mesma tanto para o que cometeu o ato como para o que o sofreu (LEVI, 1988, p. 87). A título de esclarecimento, havia o Esquadrão de Proteção, conhecido como SS, um tipo de guarda especial cuja função era proteger Hitler e seus aliados, como os líderes do Partido Nazista. Posteriormente, os SS exerciam também a função de guardas dos Campos de concentração. Cf. In: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/ss-police-state>.

força e a fraude são as duas virtudes cardeais. A justiça e a injustiça não fazem parte das faculdades do corpo ou do espírito. Se assim fosse, poderiam existir num homem que estivesse sozinho no mundo, do mesmo modo que seus sentidos e paixões. São qualidades que pertencem ao homem em sociedade, não na solidão. Outra consequência da mesma condição é que não há propriedade, nem domínio, nem distinção entre o *meu* e o *teu*; só pertence a cada homem aquilo que ele é capaz de conseguir, e apenas enquanto for capaz de conservá-lo. É pois esta a miserável condição em que o homem realmente se encontra, por obra da simples natureza. Embora com uma possibilidade de escapar a ela, que em parte reside nas paixões, e em parte em sua razão (HOBBS, 1974, p. 81).

Na guerra, como no Campo, não existem criminosos “porque não existe uma lei moral a ser violada” (LEVI, 1988, p. 99). Um trecho da obra *É isto um homem?* reafirma a ausência de hábitos sociais diante de circunstâncias extremas: “frente à pressão da necessidade e do sofrimento físico, muitos hábitos, muitos instintos sociais são reduzidos ao silêncio” (LEVI, 1988, p. 88).

A degradação humana era praticada, dentro dos Campos de concentração, para diminuir o peso do crime cometido pelo assassino<sup>33</sup>. Essa era a utilidade da violência inútil. Conforme Levi:

acredito que os doze anos hitlerianos compartilhem sua violência com muitos outros espaços/tempos históricos, mas que se caracterizem por uma difusa violência inútil, com um fim em si mesma, voltada unicamente para a criação de dor: às vezes, voltada para um objetivo, mas sempre redundante, sempre fora de proporção em relação ao próprio objetivo (LEVI, 2016, p. 85).

Nas recordações dos sobreviventes, sempre vem à mente as viagens feitas nos vagões dos trens superlotados. Nestas viagens não havia latrina, falta que causou grande aflição mais do que o frio e a sede. Evacuar em público gerava um sentimento de angústia generalizada: “um trauma para o qual a nossa civilização não nos prepara, uma ferida profunda infligida à dignidade humana (...)” (LEVI, 2016, p. 90)<sup>34</sup>.

A violência não era praticada apenas fisicamente, mas espiritualmente. Os cadáveres, para os nazistas, não eram restos humanos, mas matéria bruta. Os cabelos das mulheres eram vendidos, pelos SS, às indústrias têxteis alemãs que usavam na fabricação de tecidos. Difícil acreditar que esse produto tivesse algum lucro, tratava-se de um ultraje. Igualmente difícil crer que os compradores não

<sup>33</sup> Essa constatação foi feita pelo ex-comandante Franz Stangl, do Campo de extermínio de Treblinka, numa entrevista (LEVI, 2016, p. 102).

<sup>34</sup> Outro exemplo de violência inútil era o da nudez (LEVI, 2016, p. 92).

soubessem a origem do que estavam adquirindo. Já as cinzas, retiradas dos fornos crematórios, eram usadas no lugar de saibro, no caminho da vila do SS, que se localizava ao lado do Campo. Levi tem dúvidas de qual seria a justificativa desse uso: se porque o material era melhor ou porque deveria ser pisoteado (LEVI, 2016, p. 101-102).

Desde a Antiguidade, as homenagens fúnebres são respeitadas. Um exemplo disso podemos encontrar na peça teatral *Antígona*, de Sófocles. Creonte, rei da cidade de Tebas, decretou a proibição de rituais fúnebres a Polineces, por ele ter lutado contra a sua própria cidade. No entanto, Antígona, contrariando o decreto, faz o sepultamento do irmão, argumentando que, acima da lei escrita do governante está a lei natural, que é imutável, divina e justa (SÓFOCLES, 2006). Agamben também tece considerações sobre a importância das honras e cuidados prestados aos corpos dos defuntos:

Mas também a falta de sepultura (na origem do conflito trágico entre Antígona e Creonte) era uma forma de vingança mágica exercida sobre o cadáver do morto, que, assim, era condenado a continuar sendo para sempre uma *larva*, a nunca poder encontrar a paz. Por tal motivo, no direito arcaico grego e romano, a obrigação dos funerais era tão estrita que, se faltasse cadáver, exigia-se que devesse ser sepultado em seu lugar um *colosso*, ou seja, uma espécie de duplo ritual do defunto (em geral, uma efígie em madeira ou em cera). (AGAMBEN, 2008, p. 85).

Antes de exterminar propriamente o corpo físico, a morte chegava lentamente. Havia a cerimônia da troca de sapatos. Eles eram uma verdadeira tortura e causa de morte por infecção<sup>35</sup>. Quando apertava, eles se apresentavam para a troca. Eles deviam escolher um que servisse no meio de um amontoado de calçados velhos. Os guardas proibiam de provar o calçado, a escolha era apenas pelo olhar e, uma vez escolhido, não se podia trocar. Após horas marchando, com esses tamancos de madeira, do trabalho para o dormitório e vice-versa, se criavam feridas dolorosas que infeccionavam. Conforme o relato de Levi: “A gente, então, caminha como se tivesse uma bola de ferro amarrada no pé (daí a estranha andadura do exército de fantasmas que a cada noite volta em formação de marcha)” (LEVI, 1988, p. 33). Fazia parte do

---

<sup>35</sup> Com os pés machucados e inchados devido ao atrito dos pés com os tamancos de madeira, sempre se marcha mais devagar e fica para trás e, ficando por último, apanha. A morte começa pelos pés, pois entrar na enfermaria com o diagnóstico de pés inchados é extremamente perigoso porque é uma doença incurável (LEVI, 1988, p. 33).

projeto dos nazistas alemães a desumanização como já visto anteriormente, pois eles eram transformados, ora em animais, ora em fantasmas.

Para expressar o que significa a vida dentro desse contexto de guerra, o autor compara com as máquinas da fábrica de borracha, que teriam mais vida do que os próprios prisioneiros: “Dentro da sua cerca não cresce um fio de grama, a terra está saturada dos resíduos tóxicos de carvão e petróleo, não há nada vivo, a não ser as máquinas e os escravos; mais vivas aquelas do que estes” (LEVI, 1988, p. 72).

Sobreviver é difícil, árduo e raro, é preciso adaptar-se, contar com um pouco de sorte, desfrutar de algum privilégio, etc.<sup>36</sup>. Henri, um dos personagens do Campo que Levi retrata, tinha importantes amigos que lhe davam proteção e por isso raramente recorria ao roubo. Quando chegavam as “seleções” ou o trabalho pesado, dirigia-se à enfermaria. Lá, os médicos lhe davam o diagnóstico que quisesse a fim de ajudá-lo (LEVI, 1988, p. 101). O próprio Levi tinha consciência, quando estava no Campo, de que se ele passasse na prova de Química, e se tornasse um Especialista, se salvaria (LEVI, 1988, p. 105). Além disso, Lourenço, um operário italiano, deu para Levi restos de comida durante 6 meses (LEVI, 1988, p. 121)<sup>37</sup>. Ele acredita que sobreviveu ao Campo graças a Lourenço, não apenas pela ajuda material, mas por Lourenço tê-lo lembrado da sua própria humanidade e de que ainda existe um mundo justo (LEVI, 1988, p. 124)<sup>38</sup>. Já o caminho para a morte é fácil e frequente, morria-se nas câmaras de gás, como é bem conhecido, por doenças, por esgotamento, etc.

Havia prisioneiros que colaboraram com o sistema nazista, tornando-se opressores, com comportamentos utilitários e violentos a fim de garantir a sobrevivência. O escritor de Turim, em *Os afogados e os sobreviventes*, considera

---

<sup>36</sup> Embora alguns tenham aprendido a adaptar-se dentro do Campo, a achar comida, aguentar o cansaço e o frio, também foram vencidos e domados. Trata-se da falta de coragem de resistir à opressão, da vergonha em não confrontar os nazistas. Como Levi escreveu “destruir o homem é difícil, quase tanto como criá-lo: custou, levou tempo, mas vocês alemães conseguiram. Aqui, estamos, dóceis sob o seu olhar; de nós, vocês não têm mais nada a temer. Nem atos de revolta, nem palavras de desafio, nem um olhar de julgamento” (LEVI, 1988, p. 152). No entanto, isso não quer dizer que não existiam tentativas de resistência. Levi assistiu a treze enforcamentos públicos, decorrentes de roubos na cozinha, tentativas de fuga, crimes comuns, e uma explosão de um dos fornos crematórios de Birkenau. Neste último caso, a pessoa que morreu enforcada participou de algum modo da revolta, “parece que tinha ligações com os amotinados de Birkenau, que introduziu armas em nosso Campo, que maquinou um motim simultâneo entre nós” (LEVI, 1988, p. 151).

<sup>37</sup> Interessante observar que Lourenço não pediu nenhuma recompensa, pois pensava que “não se deve fazer o bem a fim de receber algo em troca” (LEVI, 1988, p. 121), o que nesse contexto era um ato raro.

<sup>38</sup> Para resolver o problema do transporte dos 3 litros de sopa que Lourenço consegue com os trabalhadores externos italianos e leva para Levi no laboratório, Levi teve que arranjar uma gamela que mais parecia um balde (LEVI, 1988, p. 147).

que as relações humanas dentro do Campo de concentração eram complexas: “não se podia reduzi-las a dois blocos, o das vítimas e o dos opressores” (LEVI, 2016, p. 28). A história ensinada nas escolas, entretanto, tende a reduzir os eventos humanos relacionados aos conflitos, em duas categorias (por exemplo, os atenienses e os espartanos), ou, como é de conhecimento popular, nos esportes há sempre dois lados, o dos vencedores e o dos perdedores, sem meio-termo. Contudo, dentro do Campo “os contendores não eram dois, não se distinguia uma fronteira mas muitas e confusas, talvez inúmeras, separando cada um do outro” (LEVI, 2016, p. 28). O novato que ingressava esperava encontrar solidariedade dos aliados e ao invés era recebido com agressão física, como chutes, principalmente no rosto, gritaria, desnudamento, raspagem dos cabelos, etc.<sup>39</sup>. Esse era o ritual de entrada no mundo concentracionário, que conduzia ao colapso moral do indivíduo. Logo em seguida, o prisioneiro se deparava com o que Levi chamou de zona cinzenta:

Limitemo-nos ao *Lager*, que, no entanto, mesmo em sua versão soviética, pode bem servir como “laboratório”: a classe híbrida dos prisioneiros-funcionários constitui a sua base e, simultaneamente, seu traço mais inquietante. É uma zona cinzenta, com contornos mal definidos, que, ao mesmo tempo, separa e une os campos dos senhores e dos escravos. Possui uma estrutura interna incrivelmente complicada e abriga em si o suficiente para confundir nossa necessidade de julgar (LEVI, 2016, p. 32).

A duplicidade de papéis, opressor e vítima na mesma pessoa, não elimina a nossa obrigação ética e moral de diferenciá-los: “a condição de vítima não exclui a culpa” (LEVI, 2016, p. 33).

Diante disso, importa analisar os motivos que levaram os prisioneiros a se submeterem às autoridades nazistas. Não se deve perder de vista que é mais importante discutir as motivações dos atos cometidos do que propriamente a descrição destes. Também se deve considerar que diante de casos humanos como estes, seria imprudente, conforme Levi, fazer uma avaliação moral, pois “é um juízo que gostaríamos de confiar somente a quem se achou em circunstâncias análogas e

---

<sup>39</sup> A finalidade dessa violência era de impedir a capacidade de resistência. Levi narra o relato de um italiano, novato, militante da Resistência, que fora alocado para o trabalho com a classificação de prisioneiro político, quando contava com a força física. Durante a distribuição de sopa, fora maltratado, e como reação empurrou o funcionário distribuidor. Este com a ajuda dos colegas o afogou na panela de sopa (LEVI, 2016, p. 31). Esse procedimento era friamente calculado e deliberado para dar o exemplo para os demais prisioneiros, e não deixar espaço para resistências.

teve oportunidade de verificar em si mesmo o que significa agir em circunstâncias forçadas” (LEVI, 2016, p. 33). Caso ele mesmo fosse obrigado a fazer uma avaliação, acrescenta: “absolveria facilmente todos aqueles cujo concurso para o crime foi mínimo e sobre os quais a coação foi máxima” (LEVI, 2016, p. 33). A culpa plena recai sobre o Estado totalitário, já os crimes cometidos pelos colaboradores são difíceis de avaliar.

Entretanto, o juízo moral é diferenciado quando se trata de avaliar os atos cometidos pelas pessoas que ocupavam a posição de chefes, os *Kapos*, figuras emblemáticas desse espaço impreciso da zona cinzenta. No início deste capítulo, tratamos do caso do Kapo Alex, que ao acompanhar Levi de volta até o alojamento, limpou a sua mão no ombro de Levi, configurando uma violência simbólica, de humilhação e desprezo pela humanidade de Levi. Porém, os *Kapos* tinham poder ilimitado, ultrapassavam os limites, e não precisavam prestar contas daquilo que faziam, como se pode observar no trecho: “até o fim do ano de 1943, não era raro que um prisioneiro fosse assassinado a pancadas por um *Kapo*, sem que este tivesse de temer qualquer sanção” (LEVI, 2016, p. 35).

Como já mencionado antes, por que os prisioneiros aceitavam esses cargos de privilégio? Levi nos esclarece não somente a razão dessa escolha, mas também quem eram aqueles que se submetiam:

Quem se tornava Kapo? Mais uma vez é preciso distinguir. Em primeiro lugar, aqueles a quem a possibilidade era oferecida, ou seja, os indivíduos nos quais o comandante do *Lager*, ou seus delegados (que eram muitas vezes bons psicólogos) entreviam a potencialidade de colaborador: criminosos comuns egressos das prisões, aos quais a carreira de esbirro oferecia uma excelente alternativa à detenção; prisioneiros políticos enfraquecidos por cinco ou dez anos de sofrimento ou, de um modo ou de outro, moralmente debilitados; mais tarde, até judeus, que viam na migalha de autoridade que se lhes oferecia o único modo de escapar da “solução final”. Mas muitos, como dissemos, aspiravam ao poder espontaneamente: buscavam-nos os sádicos, por certo não numerosos, mas muito temidos, uma vez que para eles a posição de privilégio coincidia com a possibilidade de infligir aos subordinados sofrimento e humilhação. Buscavam-nos os frustrados, e também este é um traço que reproduz no microcosmo do *Lager* o macrocosmo da sociedade totalitária: em ambos, fora da capacidade e do mérito, o poder é concedido generosamente a quem esteja disposto a reverenciar a autoridade hierárquica, conseguindo assim uma promoção social inalcançável de outro modo. Buscavam-no, enfim, muitos entre os oprimidos que sofriam o contágio dos opressores e tendiam inconscientemente a identificar-se com eles (LEVI, 2016, p. 36).

Como podemos perceber, diversas são as motivações que explicariam o comportamento dos prisioneiros privilegiados, que eram a minoria dentro do Campo, porém maioria entre os sobreviventes. Há que se lembrar que o prisioneiro normalmente morria devido à fome, doenças, frio, espancamentos e esgotamento, sendo a ração que eles recebiam insuficiente até mesmo para os sortudos em boas condições de saúde. Um suplemento alimentar, portanto, aumentaria em muito as chances de sobrevivência, mas, para consegui-lo, era necessário ter algum privilégio (LEVI, 2016, p. 30-31).

O escritor relembra um caso-limite de colaboração, privado de privilégio, dada a natureza própria do trabalho, que era a gestão dos fornos crematórios. Foi denominado “Esquadrão Especial” o setor a que esse grupo pertencia. Observamos que a linguagem foi usada para mascarar a realidade, por meio do recurso linguístico do eufemismo.

Os que estavam no comando eram privilegiados porque comiam suficientemente. Enganaram-se aqueles que pensaram que aceitando esse trabalho evitariam o outro eufemismo, a “Solução Final”: “Esses esquadrões Especiais não escapavam do destino de todos; antes, por parte dos SS havia todo o cuidado para que nenhum homem que deles havia participado pudesse sobreviver e contar” (LEVI, 2016, p. 38). Atuaram doze esquadrões em Auschwitz. Após alguns meses de funcionamento eram eliminados e novos surgiam (LEVI, 2016, p. 38-39). A função deles era:

manter a ordem entre os recém-chegados (muitas vezes inteiramente inconscientes do destino que os esperava) que deviam ser introduzidos nas câmeras de gás; tirar das câmeras os cadáveres; extrair o ouro dos dentes; cortar os cabelos das mulheres; separar e classificar as roupas, os sapatos, o conteúdo das bagagens; transportar os cadáveres e cuidar do funcionamento dos fornos; retirar e eliminar as cinzas (LEVI, 2016, p. 38).

Não é de causar espanto que grande parte daqueles que realizavam esse trabalho era constituída pelos judeus, pois eliminá-los era o objetivo principal dos Campos de concentração. Faziam isso para transferir a culpa para a vítima. Levi acrescenta “os judeus é que deveriam pôr nos fornos os judeus, devia-se demonstrar que os judeus sub-raça, sub-homens, se dobram a qualquer humilhação, inclusive à destruição de si mesmos” (LEVI, 2016, 40).

Apesar de toda tentativa de aniquilar o ser humano, ainda permaneciam neles as lembranças, embora traumáticas, tanto as longínquas como as recentes. Aquelas, tristes, e estas, duras, “continuamente confirmadas pela experiência presente, como feridas que tornassem a abrir-se a cada dia” (LEVI, 1988, p. 118). E isso porque quando os bombardeios começaram, em 1944, o trabalho na fábrica parou, e a situação tornou-se ainda pior, pois, depois disso, sempre havia estragos para consertar:

a fábrica começou a desmoronar ao redor de nós, como que atingida por uma maldição na qual nos sentíamos incluídos. Tivemos que suar entre a poeira e os destroços ardentes, tremer como bichos debaixo da raiva dos aviões. À noite, voltávamos ao Campo exaustos, sedentos, nesses longos crepúsculos cheios de vento do verão polonês, e encontrávamos o Campo devastado, nada de água para beber e se lavar, nada de soja para as nossas veias vazias, nada de luz para defender nosso pedaço de pão, um contra a fome do outro, nem para achar, de manhã, os tamancos e a roupa no inferno escuro e ululante do Bloco. (LEVI, 1988, p. 120).

Conforme Levi, nessa época, já passados cinco meses, portanto, considerados velhos prisioneiros, já nem se importavam mais em prever o futuro, tampouco em tentar compreender, ou em atormentar-se imaginando quando aquela situação infernal acabaria; desistiram mesmo de fazer perguntas tanto aos outros como a si mesmos (LEVI, 1988, p. 118). Quando chegavam as “seleções”, por exemplo, nem desesperados ficavam, pois “a luta contra a fome, o frio e o trabalho deixa pouco espaço para os pensamentos, ainda que se trate de pensar nisso” (LEVI, 1988, p. 127)<sup>40</sup>.

Bem diferente é o contexto da obra *Os afogados e os sobreviventes* em que Levi analisa as recordações dos sobreviventes. A obra possui cento e sessenta e sete páginas, divididas entre oito capítulos. É um livro de memórias, embora distantes, cerca de quarenta anos após a publicação da primeira, e de testemunho, que trata de temas mais amplos como a memória coletiva, a responsabilidade (quem é responsável e em que medida?) e da própria tentativa de compreensão do Holocausto, sendo portanto, uma obra mais reflexiva e filosófica, se comparada com a primeira. O narrador é o próprio autor, que com maturidade retoma a obra *É isto um homem?*, na busca por compreensão do passado apesar da vergonha e da culpa que

---

<sup>40</sup> Poucos conseguem evitar as “seleções”, pois os alemães as realizam rigorosamente (LEVI, 1988, p. 127).

acompanha todo sobrevivente. Levi mistura a primeira, o “eu” e a terceira pessoa, o “nós”, com isso revelando um maior compromisso ético na tarefa de testemunhar não apenas o que ele vivenciou, mas também da grande maioria que sucumbiu. A narrativa não segue uma sequência cronológica temporal, por exemplo, no capítulo 3, “A vergonha”, Levi reflete sobre o sentimento de vergonha experienciado durante o confinamento e depois da libertação. E no capítulo 4, “Comunicar”, narra que soube antes mesmo da deportação, ou seja, na Itália, antes de entrar no Campo, que saber o alemão era fundamental e uma questão de sobrevivência. De igual modo, nas duas obras *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, a linguagem utilizada reflete a sua profissão de químico, sendo a clareza sua característica de destaque.

Nesta obra, trata-se de um outro contexto histórico, e a memória é vista a partir de uma outra perspectiva, agora olhando para o passado. Tanto a lembrança de um trauma, seja ele sofrido ou infligido, é traumática porque trazer de volta à memória dói e perturba: “quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa” (LEVI, 2016, p. 18).

Há inúmeros casos daqueles que se afastam das recordações, temporária ou definitivamente, e criam outra realidade mais confortável para viver em paz consigo mesmo. Para eles, “o passado pesa; experimentam repugnância pelas coisas feitas ou sofridas e tendem a substituí-las por outras” (LEVI, 2016, p. 20). A substituição pode começar conscientemente, com uma narrativa inventada e repetida para os outros e para si mesmos. De fato, mente melhor quem acredita que o que está dizendo é verdade, além de gerar maior confiança no leitor, no ouvinte, no historiador, no juiz e na família (LEVI, 2016, p. 20).

Recusar a entrada de uma recordação é mais fácil do que dela se livrar. Por exemplo, o comando nazista distribuía álcool à vontade para os responsáveis que metralhavam os civis nas valas que as próprias vítimas eram obrigadas a cavar. E o objetivo desse artifício era fazer com que eles não se lembrassem de terem executado o trabalho tão desprezível (LEVI, 2016, p. 23).

A experiência traumática vivenciada dentro do Campo deixou marcas na memória de muitos, inclusive de Levi, após a libertação: o sentimento misto de vergonha e de culpa. Com base na obra em análise, nos é esclarecido de que tipo de culpa está se tratando: “Depois de tudo, emergia a consciência de não ter feito nada, ou não ter feito o suficiente, contra o sistema no qual fôramos absorvidos” (LEVI, 2016,

p. 60). Na obra *É isto homem?*, no capítulo “O último”, é narrado o caso de um prisioneiro enforcado publicamente no meio da multidão por ter a coragem de resistir. Os gritos de encorajamento do executado foram recebidos com indiferença pelos prisioneiros. Levi relata que diante desse exemplo raro de resistência brota o sentimento de vergonha por não ter feito o mesmo, sentido durante o confinamento apenas levemente, mas que voltou com toda a força após a libertação<sup>41</sup>.

Fora isso, quase todos os sobreviventes carregam a culpa por terem se omitido a ajudar. Sentem que falharam na questão da solidariedade humana. Por exemplo, o pedido “de uma palavra humana, de um conselho ou apenas de atenção era permanente e universal, mas raramente encontrava satisfação” (LEVI, 2016, p. 61)<sup>42</sup>.

Levi relembra um episódio ocorrido no ano de 1944 em Auschwitz. Fazia um calor infernal, levantava muita poeira dos edifícios destruídos pelos bombardeios aéreos. O trabalho que eles tinham que fazer era retirar os escombros. Nisso surgia a sede, um novo castigo para se somar à fome. Vejamos como nos é narrado esse novo tormento:

Nem no campo, nem nas áreas de trabalho havia água potável; naqueles dias, muitas vezes faltava até água dos lavatórios, não potável, mas adequada para nos refrescar e livrar da poeira. Normalmente, para satisfazer a sede bastavam com sobras a sopa da noite e o sucedâneo de café que era distribuído pelas dez da manhã; agora não bastavam mais, e a sede nos atormentava. É mais imperiosa do que a fome: a fome obedece aos nervos, concede adiamento, pode ser temporariamente coberta por uma emoção, uma dor, um medo (percebêramos isto na viagem de trem desde a Itália); mas não a sede, que não dá trégua. A fome extenua, a sede enfurece; naqueles dias, ela nos acompanhava de dia e de noite: de dia, nos locais de trabalho, cuja ordem (nossa inimiga, mas de qualquer modo uma ordem, um lugar de coisas lógicas e certas) se havia transformado num caos de objetos despedaçados; de noite, nos alojamentos carentes de ventilação, onde arquejávamos no ar cem vezes respirado (LEVI, 2016, p. 62-63).

---

<sup>41</sup> Não é difícil imaginar por que havia poucos casos de resistência. Nos é relatado que a maioria dos prisioneiros que chegavam a Auschwitz passavam pelo preparatório dos guetos ou dos Campos de triagem, que eram altamente destrutivos. Eles sofriam maus-tratos, humilhação, segregação, aniquilamento dos laços familiares, incomunicabilidade com o restante do mundo, etc. Nesse sentido, diante dessa situação descrita, não havia por que se envergonhar muito (LEVI, 2016, p. 61).

<sup>42</sup> Levi relembra, com mal-estar, que quando tinha um ano de encarceramento, ou seja, contando com uma boa experiência, muitas vezes agiu indiferentemente diante das súplicas de seus companheiros. O que explicaria esse comportamento é que ele se apropriou da lei do Campo, “que prescrevia a cada qual cuidar antes de tudo de si mesmo” (LEVI, 2016, p. 62).

Ele encontrou uma torneira na parede do depósito. Após desemperrá-la, usando uma pedra como martelo, saíram algumas gotas de água aquecida por causa do sol. Depois de compartilhar com o seu amigo Alberto, encontrou Daniele, no retorno para o Campo. Ao vê-lo “todo cinza de pó de cimento, com os lábios rachados e os olhos luzidios (...)”, se sentiu culpado por não ter dividido a água (LEVI, 2016, p. 63). No momento em que ele descobriu a água, deliberou se bebia toda imediatamente, o que seria a escolha mais segura, ou se deixava para o dia seguinte, ou se compartilhava com o amigo ou ainda, se revelava para toda a equipe de trabalhadores (LEVI, 2016, p. 63).

Além do sentimento de culpa, havia também, por parte de alguns sobreviventes, o da vergonha: “a de que cada qual seja o Caim do seu irmão e cada um de nós (mas desta vez digo “nós” num sentido muito amplo, ou melhor, universal) tenha defraudado seu próximo, vivendo em lugar dele” (LEVI, 2016, p. 64). Dito de outro modo, trata-se da vergonha de estar vivo no lugar de outra pessoa, uma suposição que seria extremamente dolorida.

Gostaríamos de ressaltar que depois da libertação o que normalmente se espera é uma atitude de alívio e alegria. Porém, no contexto de massacre e destruição, como o que estamos analisando, não foi o aconteceu. Ali, quando eles estavam recuperando traços humanos, junto retornavam outras angústias, como os laços familiares desfeitos e a dor que se fazia presente por todo o lugar (LEVI, 2016, p. 55).

No próximo capítulo, será analisado e comparado o papel dos “muçulmanos” nas obras *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, para podermos compreender por que Levi os considera como testemunhas autênticas.

## 6 OS “MUÇULMANOS” NAS OBRAS *É ISTO UM HOMEM?* E OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES

A partir da segunda metade do século XX, em um contexto de renovação dos estudos de Literatura Comparada, surge a teoria da intertextualidade. Conforme Sandra Nitrini, “Bakhtin foi um dos primeiros formalistas russos que procuraram substituir a segmentação estática dos textos por um modelo segundo o qual a estrutura literária se elabora a partir de uma relação com outra” (1997, p. 158). Em suma, o texto literário se constitui enquanto um diálogo entre o contexto atual e o anterior, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto”, conforme afirmação de Julia Kristeva (NITRINI, 1997, p. 161).

Esse diálogo entre os textos se dá na medida que consideramos a obra *Os afogados e os sobreviventes*, por exemplo, como sendo uma lembrança ou evocação de uma escrita anterior, na terminologia usada por Nitrini, ou seja, nas semelhanças e distinções entre as obras, bem como uma transformação dessa escrita, criando um novo significado (NITRINI, 1997, p. 162-163).

Por fim, para não cair naquilo que Remak afirmou dos franceses que “olham de soslaio para estudos que ‘simplesmente’ comparam, que ‘simplesmente’ apontam analogias e contrastes” (REMAK, 1994, 176), responderemos à seguinte questão: por que escrever a obra *Os afogados e os sobreviventes*, já que ela trata dos mesmos temas de *É isto um homem?*, como por exemplo, a memória, a desumanização, a humilhação, a incomunicabilidade, a violência física e moral etc.

No capítulo “Os submersos e os salvos” da obra *É isto um homem?*, Levi relata que há duas categorias de homens, os que se salvam, ou seja, os sobreviventes e os que se afundam, os que morrem (LEVI, 1988, p. 89).

Ele começa caracterizando os candidatos à sobrevivência. São aqueles que de alguma forma encontravam um jeito de se livrar do trabalho mais pesado e conseguiam algumas gramas extras de pão. Fazendo menos esforço no trabalho e se alimentando um pouco mais, ficavam mais fortes e temidos. Eram mais respeitados e guardavam segredo do que faziam para conseguir porções extras de ração<sup>43</sup>. Os chefes procuravam manter contatos com os mais aptos e fortes, com pretensões de

---

<sup>43</sup> No Campo, há solidão, cada um por si, não podendo contar com a ajuda do outro. E, se encontra um inapto pelo caminho, ninguém tem interesse em ajudá-lo pois é desvantajoso, é como se fosse um fardo a carregar (LEVI, 1988, p. 89).

tirar vantagens futuras (LEVI, 1988, p. 90). Eles eram conhecidos como “proeminentes”, ou seja, os funcionários do Campo, como Kapos, os enfermeiros, os guardas noturnos, os encarregados pelas latrinas e duchas, os cozinheiros, etc.<sup>44</sup>. Esses são os que se salvam. Os veteranos do Campo chamavam os restantes, fracos e destinados à “seleção”, de “muçulmanos”. O termo “muçulmano” era comum a todos os Campos de concentração que era “atribuído ao prisioneiro irreversivelmente exausto, extenuado, próximo à morte” (LEVI, 2016, 79).

Agamben esclarece haver discordâncias sobre as origens da palavra *Muselmann*. A explicação mais provável, em sua visão, diz respeito ao significado árabe *muslim*: “que significa quem se submete incondicionalmente à vontade de Deus” (AGAMBEN, 2008, p. 52). Por analogia, o muçulmano do Campo seria alguém que se submete a uma vontade ou circunstância que lhe é alheia.

Levi denomina os muçulmanos de “submersos”:

aos homens próximos do fim, nem adianta dirigir-lhes a palavra; já se sabe que eles só se queixariam, ou contariam como comiam bem em sua casa. Para que travar amizade com eles? Não têm, no Campo, conhecidos poderosos, não têm rações extras para comer, não trabalham em *Kommandos* favoráveis, desconhecem qualquer maneira secreta para obter vantagem. E, por fim, sabe-se que eles estão aqui de passagem; que, dentro de umas semanas, deles sobrarão apenas um punhado de cinzas em outro Campo próximo e, no Registro, um número de matrícula riscado. Embora englobados e arrastados sem descanso pela multidão inumerável de seus semelhantes, eles sofrem e se arrastam numa opaca solidão íntima, e nessa solidão morrem ou desaparecem sem deixar lembrança alguma na memória de ninguém (LEVI, 1988, p. 90).

Tratava-se de uma verdadeira seleção natural. Não era difícil sucumbir, era fácil morrer nas câmeras de gás ou por esgotamento, bastava seguir todas as ordens, se contentar apenas com a ração de pão que recebia e seguir à risca a disciplina do Campo e do trabalho. A grande maioria dos que estavam dentro do Campo morria e tinha uma vida curta e, por incapacidade ou azar, não conseguia adaptar-se e não

---

<sup>44</sup> Vale destacar que os “proeminentes judeus” tinham que lutar para conseguir essas funções, bem como fazer intrigas, enquanto nada disso acontecia com os não judeus, já que estes em virtude da sua superioridade natural conseguiam essas funções imediatamente após a entrada no Campo, sem dificuldades. É difícil de acreditar que os judeus em estado de escravidão aceitavam privilégios, traindo os seus companheiros, o que lhes conferia uma possibilidade maior de sobrevivência, e estando no comando de decidir entre a vida e a morte, assim o exerciam e com tamanha crueldade, sabendo que se não o fizessem outro mais competente tomaria o seu lugar. Todo o ódio que eles sentiam em relação aos opressores, seus chefes, se voltava contra os oprimidos, seus subordinados (LEVI, 1988, p. 92).

aprendia o alemão. Levi caracteriza os submersos como não-homens, pois havia incerteza se estavam vivos. O esgotamento era tão grande que já nem temiam a morte. Eles viviam como se mortos estivessem, “tão vazios, que nem podem realmente sofrer” (LEVI, 1988, p. 91). Como poderemos observar na citação a seguir:

Eles povoam a minha memória com a sua presença sem rosto, e se eu pudesse concentrar numa imagem todo o mal do nosso tempo, escolheria essa imagem que me é familiar: um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto, em cujo olhar, não se pode ler o menor pensamento (LEVI, 1988, p. 91).

O próprio Levi teve um encontro com um desses submersos destinado a morrer. Dedicou um capítulo para contar a história de Kraus, um húngaro, pouco conhecedor da língua alemã, novato, que não aprendeu a se adaptar, e que desperdiça energia e pensamento: “ainda não sabe que é melhor apanhar, porque de pancadas em geral não se morre, mas de esgotamento, sim, e é uma morte feia, a gente só se dá conta quando já é tarde demais” (LEVI, 1988, p. 134). Kraus e Levi faziam uma escavação, no meio da chuva e do barro. A regra de sobrevivência dita que se deve trabalhar o menos possível, mas Kraus trabalhava duro. Levi observa que Kraus “acha que aqui é como lá fora, que trabalhar é honesto e lógico e até conveniente, já que (pelo que todos dizem) quanto mais se trabalha, mais se ganha e se come” (LEVI, 1988, p. 134).

Durante o trabalho, ocorreu a Levi inventar uma história para Kraus, um sonho, o que não era fácil, dado o seu domínio precário do alemão:

Contei que sonhara estar em minha casa, na casa onde nasci, sentado junto com a minha família, com as pernas embaixo da mesa e, na mesa, muita, muitíssima comida. Era verão, na Itália. Em Nápoles? Pois sim, em Nápoles, não vamos complicar. Tocou a campainha, eu levantava ansioso, abria a porta, e quem aparecia? Ele, o nosso Kraus Páli, com seus cabelos, limpo, gordo, numa roupa de homem livre e com um pão na mão – um pão de dois quilos, ainda quentinho. Então, *Servus, Páli, wie geht's?* (Oi, Páli, como é que vai?), e eu me sentia feliz, fazia-o entrar, explicava aos meus familiares quem era, que ele vinha de Budapeste e por que estava tão molhado. E dava-lhe de comer e de beber, e logo uma boa cama para dormir, e era noite, mas havia um calor maravilhoso, num instante ficávamos secos, eu também que, como ele, tinha estado bem molhado (LEVI, 1988, p. 136).

Para Levi, é importante falar e ainda registrar por meio da escrita essa conversa com Kraus, mesmo que tenha sido um sonho inventado, pois esse momento era um alívio da dor, do sofrimento presente e da angústia da incerteza do futuro. Temos, de

um lado, aquele que tem uma necessidade de imaginar um cenário diferente, e por outro lado, aquele que ouve, mesmo que seu destino esteja já traçado, direcionado para o fundo submersamente: “que bom rapaz devia ser Kraus em sua vida normal, ele não vai durar muito tempo aqui” (LEVI, 1988, p. 136).

Em *Os afogados e os sobreviventes*, Levi relata que a história dos Campos de concentração “foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam o fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão” (LEVI, 2016, p. 12). Nos Campos, os prisioneiros “normais”, os não privilegiados, os submersos, eram a maioria, e minoria entre os que sobreviveram (LEVI, 2016, p. 12).

O escritor de Turim narra um fato acontecido após o seu retorno do Campo, que trouxe à sua memória um pensamento que o atormenta: o de que ele tenha sobrevivido às custas de outra pessoa. Trata-se da vergonha que discutimos no capítulo anterior. A história é a seguinte: um velho amigo, religioso, veio lhe visitar, e lhe disse “que o fato de ter sobrevivido não podia ser obra do acaso, de um acúmulo de circunstâncias afortunadas (como sustentava e como ainda sustento), mas sim da Providência” (LEVI, 2016, p. 65). Ainda, acrescenta, que ele foi escolhido para ser salvo e estava predestinado a sobreviver para testemunhar (LEVI, 2016, p. 65)<sup>45</sup>. O autor discorda dessa opinião, por acreditar que sobreviveram os piores, os mais adaptados, e que os melhores morreram, como podemos observar na passagem:

Os “salvos” do *Lager* não eram os melhores, os predestinados ao bem, os portadores de uma mensagem: tudo o que eu tinha visto e vivido demonstrava o exato contrário. Sobreviviam de preferência os piores, os egoístas, os violentos, os insensíveis, os colaboradores da “zona cinzenta”, os delatores. Não era uma regra certa (não havia, nem há, nas coisas humanas, regras certas), mas era de qualquer modo uma regra. Decerto me sentia inocente, mas, arrolado entre os sobreviventes, buscava permanentemente uma justificativa diante de meus olhos e dos de outros (LEVI, 2016, p. 65).

Ainda, lembra da morte do judeu piedoso, Chajim, que lhe explicou as regras de sobrevivência nos primeiros dias de aprisionamento, apesar das dificuldades de linguagem, esforçando-se enormemente para se fazer entender. Do professor da Sorbonne, Robert, que registrava tudo o que via na sua memória, com muito zelo, e

---

<sup>45</sup> Levi se considera um não crente, ainda mais após Auschwitz, e ouvir do amigo que ele foi tocado pela Graça doeu-lhe profundamente na alma (LEVI, 2016, p. 65).

caso tivesse sobrevivido poderia ter dado respostas às perguntas ainda não respondidas. Além desses, vários outros morreram em virtude do seu valor.

Levi se dá conta, num determinado momento da sua trajetória literária, de que as verdadeiras testemunhas são os que não sobreviveram para contar a sua história:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Essa é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas muitos anos depois. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os muçulmanos, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria um significado geral. Eles são a regra, nós a exceção (LEVI, 2016, p. 66).

Para falar do “muçulmano”, Levi faz referência à mitologia grega, a Górgona. Agamben questiona “Mas o que viu o muçulmano? O que é, no Campo, a Górgona?” (AGAMBEN, 2008, p. 50). Agamben, citando o estudo feito pela professora francesa, especialista no assunto, F. Frontisi-Ducroux, afirma que para os gregos a Górgona era uma cabeça feminina cheia de serpentes que produzia a morte para quem a encarasse. O rosto proibido, impossível de olhar porque produz a morte, é o mesmo para os “muçulmanos”, algo impossível, mas que não se pode deixar de ver (AGAMBEN, 2008, p. 60-61). Conforme Agamben:

Se ver a Górgona equivale a ver a impossibilidade de ver, então a Górgona não nomeia algo que está ou acontece no campo, algo que o muçulmano teria visto, e não o sobrevivente. Ela designa, isso sim, a impossibilidade de ver de quem está no campo, de quem, no campo, “chegou ao fundo”, tornou-se não-homem. O muçulmano não viu nem conheceu nada - senão a impossibilidade de conhecer e de ver (AGAMBEN, 2008, p. 61).

Com essa figura típica do Campo, o “muçulmano”, se observa a dominação total dos nazistas, a transformação dos judeus em não-homens. Como bem refletiu Agamben, para que possamos compreender Auschwitz, primeiro temos que entender quem é o “muçulmano”, pois “antes de ser o campo da morte, Auschwitz é o lugar de um experimento ainda impensado, no qual, para além da vida e da morte, o judeu se transforma em muçulmano, e o homem em não-homem” (AGAMBEN, 2008, p. 60).

O ponto é que os sobreviventes narram a sua própria história, mas tentam também narrar a dos “muçulmanos”. Como podemos observar na seguinte passagem:

Mas tem sido um discurso “em nome de terceiros”, a narração de coisas vistas de perto, não experimentadas pessoalmente. A demolição levada a cabo, a obra consumada, ninguém a narrou, assim como ninguém jamais voltou para contar a sua morte. Os que submergiram, ainda que tivessem papel e tinta, não teriam testemunhado, porque sua morte começara antes da morte corporal. Semanas e meses antes de morrer, já tinham perdido a capacidade de observar, recordar, medir e se expressar. Falamos nós em lugar deles, por delegação (LEVI, 2016, p. 67).

A impossibilidade de narrar a experiência concentracionária poderia ser entendida no sentido da incapacidade que a testemunha tem de expressar completamente o horror vivenciado, uma vez que não tocou o fundo. Nesse sentido, conforme Agamben, há no testemunho do sobrevivente uma lacuna:

A testemunha comumente testemunha a favor da verdade e da justiça, e delas a sua palavra extrai consistência e plenitude. Nesse caso, porém, o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; contém no seu centro algo intestemunhável, que destitui a autoridade dos sobreviventes. “As verdadeiras testemunhas”, as “testemunhas integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que “tocaram o fundo”, os muçulmanos, os submersos. Os sobreviventes, como pseudotestemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta. Contudo, falar de uma delegação, no caso, não tem sentido algum: os submersos nada tem a dizer, nem têm instruções ou memórias a transmitir (AGAMBEN, 2008, p. 43).

Se as verdadeiras testemunhas são os muçulmanos que não testemunharam, então Auschwitz não deixou testemunhas. Se aceitarmos essa conclusão, então estaremos concordando com o soldado SS que previu, antes mesmo do fim da guerra, que “ninguém restará para dar testemunho” (LEVI, 2016, p. 7). Para compreendermos esse problema, devemos ampliar o significado do termo testemunha, pois um único sentido para o termo é insuficiente para abarcar tanto os submersos, as testemunhas autênticas conforme a denominação criada por Levi, como os sobreviventes. Precisamos retomar a distinção entre os dois sentidos de testemunha propostos por Agamben. Como vimos no capítulo 2, “*testis* (...) significa aquele que se põe como um terceiro (...) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso” (AGAMBEN, 2008, p. 27). O sentido de *superstes*, por exemplo, remeteria ao testemunho do muçulmano, aquele que experienciou o terror

na sua profundidade. Porém, em contraste com a definição, o muçulmano é desprovido de linguagem e pensamento e, portanto, não pode dar seu testemunho.

O sobrevivente, aquele que testemunhou, desfrutou de privilégios e, de algum modo, não tocou o fundo, não viu a Górgona. Há uma dupla impossibilidade do testemunho: o sobrevivente testemunha a sua própria experiência concentracionária e, como não tocou o fundo, o seu relato possui uma lacuna. Ele testemunha “em nome de terceiros” experiências que não viveu.

Antes da morte corporal, chegava primeiro a da alma. Meses antes de morrer, perdiam a capacidade de recordar, de pensar, de se expressar, de observar (LEVI, 2016, p. 67), que são traços essencialmente humanos. Vale observar a constatação dos historiadores sobre os casos de suicídio, que eram comuns fora do Campo, mas raros no cativeiro<sup>46</sup>. Levi apresenta três razões que explicariam esse fato. Primeiro, os seres humanos são os únicos capazes de cometer suicídio, ao contrário dos animais, porque para fazê-lo exige fazer uma escolha não instintiva. No Campo, como vimos anteriormente, eles viviam como animais dominados carentes de escolha, “que às vezes se deixavam morrer, mas não se matavam” (LEVI, 2016, p. 60). Segundo, eles passavam o dia preocupados em saciar a fome, em evitar o cansaço, escapar do espancamento, etc., não havia tempo para pensar na morte<sup>47</sup>. Terceiro, eles viam o sofrimento vivido no cativeiro como uma punição, e o suicídio surge, na maior parte dos casos, de um sentimento de culpa<sup>48</sup>. Esta, dentro do Campo, ficava em segundo plano, retornando com toda a força após a libertação (LEVI, 2016, p. 60)<sup>49</sup>.

Mesmo Levi não se reconhecendo como uma testemunha autêntica, sente a necessidade de narrar a experiência do cativeiro. Ele cita um provérbio ídiche “é bom narrar as desgraças passadas” (LEVI, 2016, p. 121), e faz referência à *Divina Comédia* e à *Odisseia*, para corroborar sua afirmação:

---

<sup>46</sup> Depois da libertação, havia a possibilidade do sobrevivente olhar para o passado, enquanto, no cativeiro, estavam restritos ao tempo presente (LEVI, 2016, p. 59).

<sup>47</sup> O próprio Levi não tinha tempo para pensar na morte. Tinha outras preocupações na mente como, por exemplo, como evitar o trabalho extenuante, interpretar os rostos ao seu redor, como conseguir algum utensílio ou pão etc. (LEVI, 2016, p. 120). Interessante observar que mesmo fora do Campo, ao se ter um objetivo na vida, os problemas tendem a ficar em segundo plano.

<sup>48</sup> Se há culpa, uma punição também deve haver.

<sup>49</sup> Vale destacar a constatação de Levi de que aqueles que tinham uma crença, seja religiosa ou política, viviam melhor do que os agnósticos, tanto as situações mais críticas como as “seleções”, bombardeios aéreos, como na própria opressão do dia a dia. Eles viam a fome como sendo uma punição divina, uma expiação. Para eles, fazia sentido se sacrificarem, no tempo que estavam no Campo, pois amanhã ou depois teriam um lugar no céu (LEVI, 2016, p. 118-119).

Francesca diz a Dante não haver nenhuma dor maior do que lembrar na miséria o tempo feliz, mas é verdade também o inverso, como sabe qualquer sobrevivente: é bom sentar-se no aconchego, diante do alimento e do vinho, e recordar para si e os outros o cansaço, o frio e a fome: é assim que Ulisses, na corte do rei dos feácios, logo cede à urgência de narrar diante da mesa posta (LEVI, 2016, p. 121).

No início do capítulo “Estereótipos”, Levi afirma que das pessoas que atravessam experiências traumáticas, há dois tipos: as que se calam, por vergonha, e as que falam, por várias razões (LEVI, 2016, p. 121). Tratando-se do seu caso, são as perguntas dos leitores, dos ouvintes, dos filhos, e inclusive dos estranhos, que o motivam a narrar, a externalizar as lembranças daquele período nefasto, portanto, em não se calar. No entanto, ao mesmo tempo, que sente um impulso para falar, experimenta certa dificuldade em responder, pois não se considera nem historiador, tampouco filósofo, mas testemunha e, como vimos, uma imperfeita ainda por cima.

As perguntas que as pessoas sempre fazem é: “Por que vocês não fugiram? Por que não se rebelaram? Por que não escaparam da captura ‘antes’?” (LEVI, 2016, p. 122). As três perguntas estão fundadas em um estereótipo. Enquanto os anos passam e a distância temporal se alarga, Levi relata ouvir essas perguntas mais frequentemente e com um tom cada vez mais acusatório. Deixando os outros prisioneiros de lado, como os ciganos, os prisioneiros soviéticos, por exemplo, o caso dos judeus era o mais trágico. Mesmo supondo que superassem os obstáculos, como cerca elétrica, a vigilância, os cães adestrados, eles não tinham para onde ir, nem para quem pedir refúgio. Somado a isso, havia a propaganda antissemita que criou uma onda de rejeição aos judeus, “a maior parte dos alemães, especialmente os jovens, odiava os judeus, despreza-os e considerava-os inimigos do povo” (LEVI, 2016, p. 125). Também o medo da Gestapo impedia a ajuda aos judeus, recusando-se a dar refúgio, pois quem os abrigava estava sob o risco de pesadas punições<sup>50</sup>.

Em relação à segunda pergunta sobre a ausência de resistência, Levi responde que, em primeiro lugar, houve revoltas preparadas por uma minoria determinada e bem fisicamente. Essas revoltas custaram um preço alto em vidas humanas e poucas obtiveram qualquer êxito. Aqueles que escaparam e conseguiram acesso aos órgãos de informação dificilmente eram ouvidos. Em segundo lugar, se observa que qualquer

---

<sup>50</sup> Levi lembra que milhares de judeus sobreviveram, na Alemanha e na Polônia, durante os doze anos hitlerianos, graças à coragem de cidadãos que com toda a discrição os abrigaram nos sótãos de suas casas, nos conventos, em adegas, etc. (LEVI, 2016, p. 125).

revolta popular requer em seu comando líderes com força física e moral e no Campo, onde a opressão opera no seu nível máximo, tanto a força física como a moral foram arruinadas (LEVI, 2016, p. 130). Em um trecho, Levi nos esclarece esse ponto:

A opressão nos *Lagers* era de proporção extrema, além de ser conduzida com a conhecida, e em outros campos elogiável, eficiência alemã. O prisioneiro típico, aquele que constituía o cerne do campo, estava no limite da exaustão: faminto, enfraquecido, coberto de chagas (especialmente nos pés: era um homem “impedido”, no sentido original do termo. Não é um detalhe secundário!) e, portanto, profundamente aviltado. Era um homem-trapo, e com os trapos, como já sabia Marx, as revoluções não se fazem no mundo real, mas somente no da retórica literária ou cinematográfica. Todas as revoluções, tanto as que mudaram a história do mundo quanto as minúsculas, de que nos ocupamos aqui, foram guiadas por personagens que conheciam bem a opressão, mas não na própria pele (LEVI, 2016, p. 130).

A revolta que ocorreu dentro do Campo de Birkenau foi conduzida por homens bem nutridos e vestidos, do comando especial responsável pelos fornos crematórios (LEVI, 2016, p. 130). Por fim, a última questão, também estereotipada, “Por que não escaparam ‘antes’?”. Aqui, a resposta de Levi é que diante da ameaça hitleriana, a maioria dos judeus preferiu continuar na pátria. Eles tinham uma dificuldade de ordem psicológica em deixar o país em que nasceram, de abandonar a sua língua, os seus costumes e a ligação com os seus antepassados (LEVI, 2016, p. 133).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como compatibilizar a necessidade e a impossibilidade de narrar a experiência concentracionária? E por que os “muçulmanos” nas obras *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi, são considerados as verdadeiras testemunhas? Embora sejam perguntas distintas, elas possuem relações.

Levi sente uma necessidade de narrar a experiência concentracionária, que é tão forte que chega a competir com outras necessidades básicas como comer e beber. Também essa necessidade se explica porque ele se sente constantemente estimulado a falar, seja pelos leitores, ouvintes ou mesmo pessoas que lhe são estranhas, sobre o evento único na história que foi o Holocausto.

Apesar dessa necessidade em narrar e em testemunhar, há, ao mesmo tempo, uma impossibilidade de fazê-lo. E isso se explicaria por que Levi, ao testemunhar, o está fazendo por delegação. Ele narra sua própria experiência do Campo de concentração, mas também a dos outros companheiros seus, não vivenciada em primeira pessoa. A impossibilidade de narrar a experiência concentracionária no sentido pleno de um testemunho incapacita Levi de expressar a totalidade do sofrimento. Lembramos que Levi e a minoria dos prisioneiros teve “privilégios” e contou com a sorte, como o próprio autor lembra ao destacar que foi salvo das “seleções” devido à sua profissão e ajuda de estranhos. Já entre os “muçulmanos”, a grande maioria, que sofreu a opressão no seu grau máximo, poucos sobreviveram e destes ou ficaram mudos, ou embebedos na incompreensão. Perdeu-se, com isso, o relato, o testemunho do sofrimento na sua essência. Os submersos não chegaram a se adaptar, foram podados no meio do caminho, arrastados pela correnteza até o fundo, não tendo a oportunidade de relatar o acontecido. Nesse sentido, os “muçulmanos”, cujo papel é o de serem as únicas autênticas testemunhas, foram privadas do seu direito de contar a própria história. Como bem observou Levi, muitas perguntas permanecem sem respostas, lacunas que poderiam ser preenchidas caso tivessem sobrevivido.

Para contornar os obstáculos da linguagem em expressar o horror e a dificuldade de encontrar palavras, Levi recorreu à Literatura. Há um dever ético e moral em manter viva a memória diante do negacionismo que tentou e tenta destruir as provas do crime, apagando os rastros e negando a própria existência do Holocausto.

Analisando as obras *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, após fazermos uma contextualização histórica e literária, apresentação da biografia e obras do autor, priorizamos os tópicos: o tipo de narração, a representação do trauma, o problema da linguagem, sobre as questões éticas, morais e políticas e a questão da morte e da sobrevivência. Por último, tratamos sobre aqueles que sucumbiram, o cerne do Campo, como o próprio Levi afirmou. Concluímos que no estudo comparativo, as semelhanças e diferenças são importantes para o entendimento do tema, ainda mais tendo uma distância temporal de cerca de quatro décadas entre as duas obras. Acreditamos que a temática é complexa e não temos a pretensão de a ter esgotado. Também percebemos que a segunda obra, a última escrita antes da sua morte, apresenta mais reflexões do que propriamente recordações. Ambas as obras estão estruturadas em torno da problemática da impossibilidade do testemunho, uma vez que as verdadeiras testemunhas, “os muçulmanos”, foram mortos. Porém, é na obra *Os afogados e os sobreviventes* que Levi manifestou isso com toda a transparência e maturidade reflexiva.

Levi, sem um sentimento de vingança, quer dialogar por acreditar que os problemas podem ser resolvidos sem apelar para a violência. Apesar da ausência de expressões de ódio e rancor, não significa que ele tenha perdoado os nazistas, pois não há como desculpar um crime dessa natureza. Considera que todos os envolvidos são responsáveis moralmente em grau maior ou menor, mas delega para os tribunais o julgamento da punição. Ademais, constatamos que o autor foi movido e estimulado por um desejo constante de compreender a visão dos alemães sobre o Holocausto e não ter conseguido compreendê-los tornou-se um vazio doloroso. Por que se calar diante do mal causado aos judeus? Por que não se solidarizar com esse povo oprimido?

As duas obras tratam de questões que nos dizem respeito. A necessidade de narrar e manter viva a memória sobre as atrocidades cometidas pelos nazistas é de extrema importância ainda atualmente. Uma questão feita frequentemente aos sobreviventes é se futuramente podem ocorrer extermínios semelhantes ao de Auschwitz contra populações inocentes. Hoje, século XXI, presenciamos um discurso de ódio, como o elogio do ex-presidente Jair Bolsonaro à tortura feita durante a ditadura militar brasileira, por exemplo. Sabemos que Hitler chegou ao poder num momento de crise econômica, uma série de fatores contribuiu para isso, como o estado de guerra, o apoio da própria população alemã e a ausência de uma tradição

democrática na Alemanha, além da forte propaganda e controle da informação, fatores replicáveis e mesmo presentes nas sociedades atuais. Não sabemos se algo próximo ao Holocausto irá se repetir, mas também não podemos afirmar que seja impossível, ainda mais conscientes que somos da onda de violência em várias partes do mundo, da presença de autoritarismo e da intolerância de todos os tipos e níveis.

Por fim, respondendo à pergunta de por que Levi escreveu outra obra sobre o Holocausto. Como já mencionado antes, primeiro porque os próprios leitores o motivaram a não se calar, segundo porque a escrita ou o testemunho configura-se como uma luta contra o esquecimento e contra o negacionismo. Nesse sentido, a preservação da memória se impõe como um dever ético e político de fazer justiça a todos aqueles a quem foi podado o direito de se expressarem. Ainda, em *Os afogados e os sobreviventes*, diferente de *É isto um homem?*, Levi não é apenas uma testemunha, mas alguém movido pela curiosidade de compreender os alemães e comprometido com a busca da verdade.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ARQUITETURA da Destruição. Direção, produção e roteiro: Peter Cohen. Narração: Rolf Arsenius (sueco), Bruno Ganz (alemão), Sam Gray (inglês). Suécia, 1989 (154 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_\\_vpULFW8Q0&ab\\_channel=Hist%C3%B3riaIntepestiva](https://www.youtube.com/watch?v=__vpULFW8Q0&ab_channel=Hist%C3%B3riaIntepestiva). Acesso em 18 ago. 2023.

BOSI, Ecléa. O campo de Terezin. In: **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 81-112.

CENTRO INTERNAZIONALE DI STUDI. **Biography**. In: Centro Internazionale di studi. Disponível em: <https://www.primolevi.it/en/biography>. Acesso em: 10 out. 2023.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Segunda Guerra Mundial: Causas, Estruturas, Consequências**. São Paulo: Saraiva, 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Cultural e Industrial, 1974.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEVI, Primo. **A Trégua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **É isto um Homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os Afogados e os Sobreviventes**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. História, teoria e crítica. São Paulo: EDUSP, 1997.

RELATO Final. Direção: Luke Holland. Produção: Luke Holland, John Battsek e Riete Oord. Estados Unidos: Focus Features, 2021.

REMAK, Henry. Literatura Comparada: definição e função. In: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânia (Orgs). **Literatura Comparada: Textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 175-190.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, Memória, Literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SÓFOCLES. **Antígona**. Trad. de Lawrence F. Pereira. Interpretação e notas de Kathrin H. Rosenfield. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **SS, A Política do Estado**. Washington, DC. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/ss-police-state>. Acesso em: 24 jan. 2024.

WOOLF, Judith. From *If This is a Man* to *The Drowned and the Saved*. In: **The Cambridge Companion to Primo Levi**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 35-49.